

Fausto Oliveira



Anc

AP





# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

---

**"Quando o mundo estiver  
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."**

---



# O ANCAP

Fausto Oliveira

## ADVERTÊNCIA

Esta é uma obra de ficção. Todas as referências feitas a escolas de pensamento, teorias, ideologias, disciplinas, modelos, setores econômicos e financeiros, tecnologias produtivas, agentes políticos, agentes econômicos e financeiros são usadas como artifícios ficcionais deliberadamente criativos, sem compromisso com critérios acadêmicos, científicos ou filosóficos estabelecidos.

## Maximização

Antes, ele chorava. Costumava chorar comigo, acontecia regularmente. Até me arrependi de ter debochado dele. Sim, me arrependi, mas não sei se ainda me arrependo, porque Uilian virou um ser humano da pior espécie. Desprezível mesmo. E eu passei a desprezá-lo, desfiz amizade e disse a mim mesmo que tinha me tornado seu inimigo. Mas antes, chorava; era um garoto bom. Pouco depois de ter começado a ver canais de vídeos Ancap na internet, Uilian ainda chorou uma última vez. Éramos muito juntos, coisa de todo dia se falar e irmos na casa um do outro, morávamos perto e ainda com nossos pais. Dois garotos crescidos na periferia de uma cidade periférica de um país periférico. Longe demais das capitais, como dizia a música.

Uilian chorou de tristeza pela última vez na minha frente quando vendeu o Picota. Ele tinha adotado o Picota com uns doze anos, e o amou, e o Picota era muito amoroso e fiel a ele. Achávamos que era um vira-lata porque o achamos na rua muito maltratado. Depois o levamos à tosa e descobrimos que era de raça, e saímos de lá orgulhosos com a sorte grande. Eu digo que foi o Uilian quem adotou o Picota porque foi mesmo; ele o achou na rua pronto pra morrer, levou pra casa, obrigou seu pai a aceitar um cachorro e assim passamos com ele toda a adolescência. E aí de repente ele bate na minha casa dizendo que tinha arranjado um comprador para o Picota. Eu tive dificuldade até de ouvir, de saber se era isso mesmo que disse. Mas ele confirmou, ia vender o Picota e queria que eu fosse junto. Fui, claro, mas tentando tudo que eu podia fazer pra ele desistir. Eu perguntava o porquê, ele não dizia.

Chegamos à casa do comprador, ele tocou a campainha, e antes que a porta abrisse ele me perguntou: “então por que você não compra o Picota?”. Tive vontade de encher a cara dele de porrada, o Picota era dele mas eu o considerava meu também, e ele queria vender o cachorro. Queria tanto que o ofereceu a mim, que era duro, duríssimo, não tinha dinheiro para quase nada. Nem respondi, só deixei o ódio subir e fiquei ali transtornado dando socos na parede ao lado da porta. Um senhor abriu, pagou e levou o Picota pra dentro. Apertou a mão do Uilian. E foi nessa hora que eu vi meu amigo chorar pela última vez. Mas chorou duro, se

reprimindo, engolindo e secando tudo por dentro. Então fomos embora e eu o xingava de tudo que sabia xingar, e o Uilian impassível, sem tirar a mão do bolso onde estava o dinheiro do Picota. Hoje eu sei que chegou em casa, espalhou o dinheiro na cama e se masturbou, olhando as notas, provavelmente recontando.

No dia seguinte, ele avisou pela internet que o nome dele agora era Will Rich. Will porque Uilian era uma espécie de versão brasileira de William, mas da qual ele tinha aprendido a se envergonhar, e agora precisava se transformar em uma personalidade lustrosa, bacana, anglo-saxã, e portanto limpa. Rich porque o nosso Picota fora vendido para ele ficar rico, e não tinha encontrado outro jeito de ficar rico que não fosse vendendo o nosso cachorro amigo. Will Rich era outro cara, que considerava um sinal meio divino — embora fosse invenção dele próprio — o fato de que em seu novo nome havia um símbolo do objetivo de riqueza pessoal, e também o da força de sua vontade em construir a riqueza pessoal. “Will get Rich”. Usou essa assinatura algumas vezes na internet. “Vai ficar rico”. Ele transformou o próprio nome numa declaração de que ia ficar rico de qualquer maneira. E tudo tinha começado no momento em que ele conseguiu dinheiro para aplicar em investimentos financeiros vendendo o cachorro que eu pensava que ele amava. Eu amava, mas no fundo não era meu. Tive que aguentar.

“Faça seu dinheiro trabalhar para você!”, frases assim haviam tomado conta do Brasil naquele momento, quando a onda econômica ainda era ascendente e ninguém deixava transparecer a artificialidade das bolhas financeiras, pois sempre há novos imbecis dispostos a entrar, financiar as gordas comissões de todo naipe de larápios e manter girando essa ciranda metafísica, essa espiral de abstrações apoiadas em abstrações, essa força que é fraca porque é desprovida de fundação real. As finanças, tal como hoje estão configuradas na vida das nossas sociedades infelizes.

Mas eu não culpo o Uilian. Quem não iria querer viver assim? A promessa de vida fácil, naquele momento da história, era extrapolada mil vezes e ninguém se atentava. Conforme eu acompanhei o surgimento do Will Rich, soube de outros casos pouco auspiciosos. Um pai de três filhas que aplicou a indenização trabalhista em um fundo imobiliário indexado na taxa de juros, porque os corretores juravam que a taxa no Brasil tinha por destino se manter eternamente alta. Ele então usou a aplicação como

garantia de um empréstimo para empreender, abriu uma franquia qualquer, contratou funcionários, veio a recessão e o negócio faliu. O empréstimo foi executado por inadimplência, e o Banco Central baixou os juros à mínima histórica, razão pela qual ele se desesperou, sacou o dinheiro aplicado mas a valor menor, se aguentou um tempo, depois foi despejado, pediu favores, virou camelô. Hoje é pobre, mas é engenheiro civil.

A recém-formada em enfermagem era o orgulho da família, primeira geração diplomada, poupou o primeiro ano de salário a fim de montar um negócio de reabilitação de acidentados, com amigos fisioterapeutas. Um dos fisioterapeutas era investidor, e se considerava entendido nos meandros do negócio financeiro. Fez a garota desistir do investimento na clínica e colocar tudo em ações. Ela daria o dinheiro na mão dele, que montaria uma carteira e aplicaria na sua própria conta em corretora. Quando o dinheiro multiplicasse, ele tiraria uma parte para ele e ela teria várias vezes o que poupou. Deu tudo errado, e em seis meses o sujeito havia perdido o seu próprio dinheiro e o da amiga. Se desesperou, desfez a posição e só então contou a verdade. Nesse ínterim, a moça tinha engravidado e contava com o rendimento para sair de licença maternidade, depois pedir demissão e enfim montar a clínica. Quando soube, teve uma crise nervosa e perdeu o bebê. Casos assim houve muitos, mas só fiquei sabendo de alguns deles porque estava próximo do meu amigo, assistindo sua transformação num jovem violento e sumamente egoísta. A publicidade do sistema financeiro era forte demais, e a conivência dos jornais e canais de TV para onde escorriam as verbas publicitárias das finanças ajudava a blindar a repercussão de casos trágicos como os que vim a conhecer.

Nós recebíamos notícias sobre pessoas em desespero, enganadas pela propaganda financista, em grupos de internet onde se reuniam os autoproclamados “construtores de riqueza”, tipos em geral mesquinhos, escassos que sonhavam com abundância, que retroalimentavam-se com dicas inócuas sobre investimentos, desorientação e mensagens de estímulo moral perfeitamente vazias. Para Uilian, no entanto, aquelas pessoas haviam sido purgadas. Ele não argumentava que eram casos excepcionais, mesmo porque a frequência com que apareciam era suficiente para eliminar a hipótese. Ele os considerava perdedores. Eu o questionava a respeito, ele respondia: “losers!”. Will Rich arrogou-se a capacidade de perceber winners e losers no mercado financeiro quando se tornou um winner. Sim,



Uilian ganhou dinheiro com aplicações de alto risco feitas com a venda do Picota. Ele primeiro operou contratos de dólar no day trade, com uma taxa de sucesso acima da média. Diversificou o reinvestimento, comprando ações de empresas de setores onde o governo iria fazer privatizações, e no mundo do qual ele participava, todos sabiam que o governo ia privatizar empresas de serviços essenciais de um jeito particularmente proveitoso para certas corporações internacionais com capital aberto no Brasil através de subsidiárias improdutivas. Ele apostou nelas sabendo que tinha muito a ganhar, mas o mérito dele foi pensar além das evidências. Will Rich, determinado a enriquecer, tinha pressa. E me mostrava a tela do seu home broker, que a princípio é incompreensível mas com o tempo você entende que funciona como um ecocardiograma. Ao menos eu só consegui entender assim, vendo a tela do homebroker do Uilian como um ecocardiograma dele.

A pressa era visível nos gráficos candle, no ritmo com que ele mudava a visualização, mantendo uma respiração ultra curta nos contratos de day trade onde girava cerca de 40% daquilo que tinha, e um batimento cardíaco de moribundo nas ações e opções que comprava para estocar. Respiração curta, breve, rápida, audível. Um ritmo desagradável, quebrado pelos cliques irregulares do mouse, que saltava sobre o som elétrico contínuo do computador e fazia o quarto dele parecer uma UTI. Pela sua têmpora, pelos seus pulsos, pela própria pele, eu via Uilian quase sem batimento cardíaco, engordando sem quase comer nem beber, sem se levantar ou quase se mexer, porque o mercado fecha mas o trader continua, e Will Rich tinha muita pressa. Quando o mercado fechava — e eu vi isso acontecer algumas vezes —, só então ele respirava fundo, como que soltando o ar acumulado em mil respirações curtas. Olhava para o lado e conversava sozinho, para então retornar à tela, calcular ganhos e perdas e planejar o que faria no dia seguinte. olhando dados da abertura das bolsas asiáticas.

Envidraçado, capturado, semimorto. Era nessa hora que ele se conectava às redes sociais e humilhava os losers para se provar winner. Só horas depois comia qualquer coisa e abria latas de refrigerante, arrotando enquanto pregava para mim as bondades do mundo que ele acreditava estar construindo, o mundo anarco-capitalista.

Anarco-capitalismo, anarquismo libertário, anarquismo da propriedade privada, anarco-liberalismo, libertarianismo... A soberania plena do indivíduo sobre a coletividade, a propriedade privada como régua moral das liberdades, o livre mercado totalizante. Ou — como eu aprendi vendo a decadência moral do meu ex-melhor amigo — o grande salto na selva, a barbárie controlada com armas de fogo, a aceitação de superioridades ilegítimas organizadas em clãs, o triunfo da mesquinha, a destituição daquilo que é socialmente instituído.

Minha experiência com Uilian Will Rich me ensinou que os valores do típico Ancap brasileiro apenas superficialmente se relacionam com as clássicas questões da manutenção de graus de autonomia da pessoa frente o Estado. Se assim fosse, o ambiente seria muito menos intoxicado, porque afinal as diferenças de opinião entre pessoas razoáveis que optam por matrizes de compreensão distintas são, quase sempre, elásticas. Alguém pode argumentar contra a abrangência de uma lei sobre sua liberdade individual, já outro pode sentir tamanho conforto com a mesma lei que talvez a prefira até mais abrangente.

O típico Ancap brasileiro que meu amigo se tornou, entretanto, falseia cálculos de custo de oportunidade e os extrapola para ter sempre a razão. Se a intenção é acabar com o Estado como regulador do contrato social, o típico Ancap brasileiro puxa seu facão e entra a cortar de saída o sistema de saúde pública. Para que tantas escolas e universidades, se um país de economia rural demanda no máximo técnicos para manutenção de produtos industriais importados? Bombeiros, salva-vidas, policiais, todos têm função social perfeitamente adaptável a ambientes concorrenciais — seu filho está se afogando na praia e o salva-vidas de uniforme amarelo não pode socorrê-lo porque você pagou a tarifa dos salva-vidas de uniforme azul, sendo, portanto, perfeitamente justo pelas regras do mercado livre que seu filho morra afogado pelas virtudes intrínsecas da lei de mercado. O mesmo valendo para uma situação de incêndio domiciliar, afinal, deixe-se queimar a casa de quem não paga pelo serviço comercial de apagar incêndios. O píncaro da idiotez é o complexo jurídico-policial privado: policiais virando vigilantes a serviço de quem lhes puder pagar. Naturalmente poderão cometer o crime que quiserem, pois também terão o direito de serem julgados pela Justiça comercial privada que contratarem, isso se forem pegos no flagrante por algum policial de empresa concorrente

a serviço da vítima, que por sua vez certamente terá contratado um juiz privado concorrente. Cabe recurso? A qual instância recursal? Quem decide a peleja?

Foi com conversas assim sem sentido que eu me mantive perto de Will Rich até que nossa relação finalmente se desfez, amargamente. Nessas conversas, eu era levado a crer que as situações limites às quais faço referência eram hipóteses exageradas e caricaturais, e invariavelmente terminávamos com uma suspeição mútua pairando nos espíritos. O que só muito aos poucos percebi é que esses teoricismos menores são uma prática de desvio da atenção, porque o que estes meninos querem é clara e simplesmente enriquecer. Eles falseiam situações hipotéticas em favor de uma imagem de sociedade livre-mercadista plena, a fim de angariar mais gente descontente com suas vidas, em geral jovens e menores de idade, para lhes franquear apoio nas batalhas da internet. Uma vez que conseguem formar um exército de multiplicadores dispostos a tudo para enriquecer, é bem evidente que parte dos meninos vira repetidor e nisso eles ficam, e outra parte — como Will Rich — entra para o jogo grande. E, claro, o jogo grande é aquele jogado nas finanças. É impressionante como tem gente no Brasil que não sabe nada sobre como funciona o nosso sistema financeiro, eu mesmo não sabia. Porém, para alguns chega um momento em que tudo se descortina, e o que se vê é grosseiro, é rude, ruim. O que nenhum deles jamais confessou, nem confessará, é que no plano da economia real, ali onde só se ganha dinheiro prestando algum tipo de trabalho — qualquer tipo de trabalho, porque valor sempre é trabalho — a possibilidade de enriquecer rápida e ferozmente como eles querem é reduzidíssima. Por isso a idolatria da renda financeira passiva, do dinheiro que trabalha por você, da vida ganha sem esforço e demais meias verdades.

E é claro que eu fui acusado de esquerdista hobbesiano, socialista, socialista fabiano, comunista, social-democrata, keynesiano, neo-keynesiano, pós-keynesiano e outras tantas. Naquele momento nós ainda éramos estudantes dos primeiros semestres de Ciências Econômicas, eu prossegui no curso e Will Rich, é claro, largou. Não tolerou estudar a sério algo que para ele devia ser inteiramente refundado sobre bases sequer passíveis de criação. E deve ter se sentido bem recompensado, pois como informei antes, ganhou dinheiro de verdade sendo um investidor ideológico, um sujeito comprometido moralmente com o capital financeiro. Saiu da

faculdade para “construir riqueza” e alcançou razoável sucesso. Os R\$450 que ele conseguiu com a venda do Picota rapidamente viraram cerca de R\$5.000 — (mas eu soube que ele roubou o pai, abria a carteira dele à noite e tirava quantias imperceptíveis quaisquer, que depois certamente juntou com o dinheiro da venda do Picota). Em todo caso, os R\$5.000 vieram com os contratos de dólar no day trade, que ele repetia com alto grau de acerto — (na internet fez fama como praticante de tape reading).

Foi um primeiro passo muito rápido. Logo ele conseguiu completar trades corretos com ações, opções e fundos e dali em diante ele deve ter acumulado algo na faixa das centenas de milhares de reais. Ele tinha parado de me contar e parou de se gabar na internet com números, limitava-se a contar quais jogadas bem-sucedidas tinha feito no dia. Mas ainda éramos vizinhos, e mesmo que ele quase não saísse mais de casa, às vezes saía e eu soube que fez agiotagem com uma menina mais nova que ele. Cobrou juros num empréstimo ridiculamente irregular, fez ameaças de difamação virtual caso ela não pagasse. Michelly era o nome dela. Menor de idade, certamente tomou o empréstimo escondido de seus pais, e sofreu sozinha a coação de agiota profissional que Will Rich lhe fez. Eu não fiquei surpreso quando soube desse caso, muito tempo depois, mas enojado sim, porque Michelly não tinha como saber que Uilian poderia lhe emprestar dinheiro. Ele foi atrás dela para oferecer, ele colocou a menina naquela situação, e afinal conseguiu os juros que havia planejado ganhar em cima de uma estudante menor de idade de periferia. Em resumo, a “construção da riqueza” de Will Rich seria moralmente torta mesmo que se mantivesse dentro da lei, mas escorregava fora dela sabe-se lá com que frequência.

Se eu conseguisse lembrar de todo esse período com olhos, digamos, sociológicos, o mais interessante seria perceber a falta absoluta de sentido no enriquecimento rápido de Will Rich. Não que eu considere o enriquecimento como vazio de sentido. Ao contrário, sou favorável à riqueza. Sou tão favorável à riqueza que gostaria de ver todo mundo enriquecendo. Não me importaria que alguns tivessem mais do que outros, desde que a isso correspondesse uma justificativa econômica real baseada em resultados oferecidos por cada um no ambiente de um mercado sadiamente controlado para não cometer excessos. E que as diferenças de riqueza estocada não ultrapassassem um limite moral que elimina a capacidade humana de se reconhecer no outro.

Um rico não pode ser tão rico, enquanto um pobre seja tão pobre, a ponto de que não se reconheçam como integrantes da mesma espécie biológica.

Feita essa ressalva, foi interessante perceber como Will Rich havia enriquecido sem se tornar, de fato, um homem rico. Um homem rico se comporta como um homem rico. Planeja, executa, poupa, investe, gasta, sonega, faz um pouco de tudo o que se pode fazer com dinheiro. Apenas o faz com numerário maior, e isso traz certas condicionantes particulares, é evidente.

Mas Will Rich, que provavelmente chegou a milionário em questão de poucos meses, se comportava como um pobre. Menos do que um pobre, um escasso. Will Rich era um escasso. Como mal saía de casa, não se dava oportunidades de lazer. Quando saía, estava vestido com as mesmas poucas roupas de sempre. Seu pai já não reconhecia o filho, e me contou que o via muito pouco, pois quando voltava do trabalho — era bancário de profissão, e motorista de aplicativo por desemprego — Uilian estava trancado no seu quarto UTI. A vida doméstica estava mantida em padrão idêntico a quando Uilian era um jovem normal, porque nenhum dinheiro dele era usado para nada em casa — segundo seu pai, nem contas ou comida. A movimentação de entregadores de compras por internet poderia compensar parte da austeridade, mas não havia. Will Rich era bem pior do que um rico avaro, era um monge da mesquinha economia. Ocorre que eu não consigo lembrar deste período com olhos sociológicos, os detalhes conhecidos me impedem. Um detalhe conhecido atende pelo nome de Katerinne Absynth.

É que todo sistema fechado precisa de um escape, isso é da termodinâmica. Não existe circuito termodinamicamente perfeito, porque é impossível construir um sistema em que toda energia nele inserida se transforme em trabalho. Sempre há desperdício de energia. E no sistema termodinâmico vicioso que era a própria essência de Will Rich, Katerinne Absynth era o desperdício de energia.

Katerinne Absynth era o nome de uma mulher que vendia pela internet o serviço de aparecer nua em salas digitais privadas, executando cenas de caráter sexualmente relevante para o cliente pagador. Veja quantas palavras são necessárias para dizer puta, atualmente. Enfim, o nome Katerinne Absynth era o que nossos pais chamavam "nome de guerra" de uma neo puta dos tempos da internet. Elas vivem se apresentando em todas

as redes, distribuindo imagens gratuitas por todo e qualquer sistema que o permita, nas quais cobrem com ícones de coração ou cifrão as partes que supostamente estão ocultas e cuja mostra, também supostamente, justifica a cobrança de um certo valor de um cliente privado. A intenção destas meninas é fazer uma renda regular, como qualquer prostituta, e não sei até que ponto a figura do sugar daddy corresponde ou não ao que antigamente se chamava cafetão, mas o que aprendi com a relação entre Rich e Absynth foi que hoje há uma mescla de utilitarismo enrustido com sentimentalismo provocado entre cliente e puta, que de uma certa forma devolve à puta o poder de controle. Quando as coisas aconteciam no contato real não intermediado, negociava-se previamente as condições, mas chegava-se a um ponto inevitável em que o controle passava ao cliente.

Hoje não, porque o contato é inteiramente intermediado, e isso leva o cliente a uma situação de barganha emocional que devolve o controle à puta. Se tudo mais der errado, ela pode desconectar a videochamada, trocar o número de celular, mudar o nome de guerra em todas as contas, reinventar-se de ponta a ponta em questão de um dia — novas fotos, novas contas — e para o cliente que abusou, aquele abraço. Por isso os clientes, em geral preocupados em valorizar o dinheiro que pagam, se submetem a provocar um sentimentalismo teatral para ganhar melhores encenações, e as novas putas sabem que precisam alimentar o utilitarismo enrustido do cliente reforçando o falso sentimento, a fim de que ele volte outras vezes. Ou que se apaixone, e se torne seu sugar daddy. E bem, sendo franco, chamar aquilo de paixão seria um exagero impressionante, entre outras razões porque eu vi Will Rich exercendo o papel do sugar daddy, e era uma coisa esporádica. Claro que Katerinne Absynth tinha e mantinha sabe Deus quantos outros homens na condição de financiadores permanentes. Afora a prospecção permanente de novos homens carentes em sessões igualmente esporádicas. E Will Rich talvez soubesse disso, mas pagava fielmente. Ali então estava o ponto de escapamento do sistema fechado que Will Rich havia construído para viver sua vida de trader solitário, bem-sucedido e inumano.

Katerinne Absynth provavelmente foi o único dinheiro efetivamente gasto, e não reinvestido, por ele antes do abismo. O abismo sempre esteve ali, só que ele não via. Investidores e demais participantes das finanças conhecem as regras daquilo que escolhem fazer. Mas muitos dos incautos

que eles seduzem com propaganda de vida fácil não. E a maneira contemporânea de esconder informação é curiosamente explícita. Ninguém mais usa o recurso das letras miúdas de um contrato cheio de páginas para comunicar que “rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura”. Não. Eles escrevem isso em todos os lugares, de forma que tampouco é possível acusá-los de fraude. Porém, o entorno audiovisual, literário, referencial, o design gráfico, o design textual, o design thinking por trás do marketing financeiro é incomparavelmente mais poderoso. Tem a capacidade de remover da mente informação que acabou de inserir, a exemplo de “rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura”. Por isso, aos meus olhos sempre foi evidente que Uilian tinha tomado um caminho desastroso. Ele não via. Aquela cegueira, aquela cegueira escolhida que resistia teimosa, eu consegui percebê-la com exatidão pela relação dele com Katerinne Absynth. Will construía imagens brilhosas do dinheiro se multiplicando no homebroker, deliberando ver nelas o enriquecimento que deveria provar em termos práticos uma teoria individualista que é impassível de comprovação. Assim como construía com Katerinne Absynth a imagem de uma serva sexual da qual se aproveitava sem se sujar, atirando-lhe depósitos e transferências digitais, enquanto falava sozinho com a tela em favor da pureza intrínseca das trocas comerciais voluntárias, depois que terminava suas masturbações de sugar daddy.

Eu não estava lá durante as masturbações, e só posso garantir que isso era assim porque a própria Katerinne me contou. Eu a conheci pessoalmente contornando as várias etapas de desconfiança por ela colocadas, cada qual com uma mentira diferente — montei estratégias baseados em teoria dos jogos, a cada passo confirmando as suspeitas. Importa pouco como tive acesso a ela. Importa que o motivo para isso se confirmou: como eu pensava desde o início, Katerinne Absynth não existia. O nome era fantasioso, claro, mas isso creio que o próprio Uilian suspeitava. A descoberta foi a inexistência da própria puta cujo nome verdadeiro poderia ser qual fosse. Katerinne Absynth se chamava Demétrio Caratinga Gomes, tinha 32 anos e era o dono de um negócio ilegal de pornografia digital que abria perfis de putas inexistentes em sites de exibicionismo explícito, nos quais mostrava edições de vídeo feitas em tempo real para clientes enganados. Ele montou um acervo de vídeos de

exibicionismo pago usando programas de gravação de tela e downloads de vídeos publicados, e manipulava esse material separando as personagens por tipo de corpo. Conseguia enganar bem porque os ambientes das mulheres em exposição são quase sempre similares, além do fato de que os clientes de exibicionismo pornô não querem saber do ambiente. Durante as sessões, às vezes ele próprio respondia o chat privado, e às vezes usava chatbots de resposta automática programados para a padronizada conversa da excitação sexual remota. E as caras das moças, quando raramente apareciam, ele cortava usando softwares de edição. Tinha ficado "milionário oito dígitos", como ele mesmo me disse, em um ano de prática de contrafação digital em cima de homens como Uilian.

Minha aproximação a Demétrio Katerinne confirmou também uma suspeita ainda mais nefasta. Como ele não era uma puta real — e eu já sabia disso de antemão —, eu não poderia ter-lhe abordado solicitando o serviço de puta. Então, abordei-lhe oferecendo vantagens econômicas. Me fiz passar por investidor interessado em escalar internacionalmente Katerinne Absynth, por meio de inteligências artificiais desenvolvidas por mim na deep web, e que sabia que havia outras falsas putas que ele gerenciava, razão pela qual eu propunha uma sociedade num novo negócio no qual eu entraria com capital e ele com o sistema, visando os mercados asiáticos, norte-americanos e europeus. Poderia afirmar com razoável certeza que os olhos de Demétrio tilintaram ao ouvir minha falsa proposta, e claro que ele topou me conhecer, e assim eu pude fazer as gravações que o induzi a fazer. Foi bem simples, eu menti mais um pouco dizendo que tinha sócios investidores que atuavam em máfias na Europa do Leste, e assim gravei ele explicando tudo em português, inglês e espanhol. Depois meti tudo em softwares de tradução e ainda consegui legendar em francês, polonês, alemão, russo, sueco, tcheco, coreano e chinês. O que o sonho da vida fácil não faz com a inteligência das pessoas? Se eu fosse policial ou tivesse qualquer interesse em acabar com a vida dele, me bastaria entregá-lo. Só que meu interesse era outro.

Àquela altura, a experiência de decadência moral de Will Rich tinha corrompido minha esperança no futuro e a sinceridade juvenil inata que eu carregava, e a um tal ponto, que se tornou um projeto. Um projeto que inicialmente foi de salvamento. Eu quis primeiro salvar Uilian, meu amigo. Depois se tornou um projeto de disputa de posição, quando eu quis provar



que o ancapismo era fundamentalmente errado e, pior que isso, era um perigo público.

Enquanto o projeto era de disputa de posição, eu desenhei todo o estratagema de contato e manipulação de Demétrio Caratinga Gomes, pois o objetivo da cruzada era demolir o anarco-capitalismo, varrê-lo do mapa se possível fosse. Se não fosse, ao menos varrê-lo do espectro social mais próximo de mim, o que incluía meu amigo perdido. Foi para isso que eu me imiscuí em grupos de Ancaps na internet, dialogando com eles sobre as idiotices de “construção de riqueza” que eu já conhecia muito bem, e conheci Demétrio.

Sim, pode ser que uma fraude bem pensada e tecnologicamente eficiente como aquela montada por Demétrio surgisse em outro ambiente. Mas as máfias tradicionais e o crime organizado urbano contemporâneo são, em geral, bem mais toscos, porque não há racionalidade econômica para eles na sofisticação técnico-criminal do nível da rede de falsas putas virtuais que ele tinha. Por isso, eu apostei numa hipótese e ela se confirmou sobejamente. Demétrio Caratinga Gomes também era Ancap. Mais um típico Ancap brasileiro interessado em enriquecer da maneira mais fácil possível, atropelando a lei, os direitos alheios, as mínimas noções de decência, enganando sabe-se lá quantas pessoas inocentes como o Ancap Uilian, que tinha nas finanças e nos deslizes éticos que cometia contra pessoas de sua convivência a mesma fonte de enriquecimento utopicamente grande que Demétrio montara na pornografia fraudulenta.

Tendo produzido todas as provas necessárias para mostrar a Uilian não que a puta que ele financiava era na verdade um homem fraudador, mas sim que a qualidade de pessoa que se entregava àquele tipo de enganação por dinheiro era precisamente a mesma do que ele havia se transformado, eu então fui a ele com esperança de trazê-lo de volta do ancapismo. Era, afinal, um projeto de salvamento que se tornou um projeto de disputa de posição. Ele sabia quem era Demétrio, embora o conhecesse por seu codinome virtual de Ancap. Participavam de grupos em redes sociais, e eu tinha essa informação, e assim tudo ficou ainda mais bem amarrado. Quando apresentei a confissão gravada, e contei como havia conseguido chegar àquilo, e por fim não havia mais espaço ou condição para negar, o que se seguiu foi o momento amargo de quebra entre nós.

Demétrio e Uilian eram o espelho um do outro, e eu acreditei que se refletisse a imagem do fraudador que, afinal, havia lhe roubado dinheiro, meu amigo acordaria do transe. Ele entendeu o que acontecia, me certifiquei mais de uma vez de que entendia. Sua resposta foi, admito, inesperada. Eu não esperava aprender que a lavagem integral — porque aquilo estava além do alcance do que se entende por "cerebral" — feita sobre os jovens típicos Ancaps brasileiros fosse avassaladora como é. A resposta dele foi que Demétrio estava certo. Não viu mal algum na fraude de que ele próprio foi vítima, e por ter entendido muito bem toda a construção científica do crime, foi capaz de dizer com toda propriedade que ali só havia um homem livre buscando maximizar ganhos econômicos em relações de troca voluntária. Demétrio Caratinga Gomes, para ele, era um empreendedor inteligente que soube usar da verdadeira liberdade de ação que só o território da internet confere para perseguir seu justo, correto e mais que legítimo objetivo de enriquecer.

Eu disse em algum momento dessa narrativa que o projeto era primeiro de salvamento, e depois de disputa de posição. Pode ser que o progresso de um projeto a outro tenha sido uma função do meu enervamento crescente com a situação, à medida que ia conhecendo detalhes mais e mais desabonadores sobre ele, e que estranhava a aceleração de seu distanciamento de si mesmo. E para mim, acabaria ali, por falta absoluta de novas opções. Seria uma desistência, jogaria a toalha em relação a Uilian e trataria dos meus assuntos. Seria uma tristeza, mas não mais do que isso. Foi até bom desistir, porque arejei o espírito. O processo dele, que não era meu, tinha sujado e desorganizado muita coisa dentro de mim, então de minha parte não existiria a mais mínima disposição para levar aquilo adiante. Quem parece que ficou mordido foi ele.

Um dia estava quieto, lendo John Kenneth Galbraith numa tarde horrorosamente quente quando a campainha tocou, e era o dono de um canil. Dizia ter um presente para mim. E me passou a coleira de um cachorro de raça, desses altos, peludos, todo escovado. Falei que não era para mim, mas ele insistiu que sim, dizendo que o comprador avisou que eu não ia querer receber. E que então ele deveria mostrar a chapinha de metal pendurada no colar de couro bem trabalhado ao redor do pescoço do cachorro. Li o nome do cachorro na plaquinha. Picota 2.

Resolvi aceitar. O animal não precisava de rejeição, e enquanto penso nisso, me vem a pergunta se o animal da frase era o cachorro ou era eu. Fracassados os projetos de salvamento e de disputa de posição, o vencedor de ambos tripudiou com um projetinho de vingança pessoal. Will Rich, o escasso e mesquinho, interpretou que todo meu esforço havia sido uma revanche contra a formação inicial do seu capital especulativo. E não, eu nunca quis essa revanche.

## No such thing

Todo economista tem espírito ordenador. Todos. Somos uma espécie que quer ser determinadora, e todo determinador precisa saber ordenar a seu modo. Se não sabe, deve fingir que sabe e pretender ordenar, que é o que a maioria dos economistas que entra no mundo das decisões políticas vem fazendo nos últimos muitos anos. Nossos acertos modestos e fracassos espetaculares alcançam representantes de todas as escolas de pensamento. Aqueles que se arriscam a ordenar as economias de seus países, sob a crença de que esse ordenamento pode existir de alguma forma independente de outros ordenamentos e dos interesses que o cercam, costumam responder por décadas. A regra geral é que, após nossas quase sempre malogradas passagens pelo governo, nós economistas somos filtrados negativamente por um prazo longo demais; muitas vezes nem erros médicos são cobrados assim. É da essência da atividade, não há escapatória.

Somos profissionais do gerenciamento de desequilíbrios, mas por uma dessas desgraças históricas, uma de nossas escolas de pensamento vendeu para a sociedade a ideia de que somos os fiadores do equilíbrio geral. Estes são os que mais praticam a negação, porque entram a gerir o interesse econômico coletivo afirmando ter o manual de controle de uma máquina extra-mundo, um sistema isolado que apenas paira sobre a vida, um celestial modelo meta-matemático que guarda em si a perfeição, apenas perturbado porque nós, seres humanos, somos imperfeitos. Uma visão que, por ser assim vaidosa, assim metafísica e assim delirante, só pode mesmo levar um economista a mais um fracasso espetacular. Que, por sua vez, precisará ser negado por longos anos de tergiversação e interpretação administrada com apoio de órgãos de mídia econômica que lhe prestem este favor. Negação, esta se tornou a chave de compreensão de fatos e processos econômicos que afetam a vida de todos desde quando o pessoal do equilíbrio metafísico ganhou um quase monopólio no debate público.

Margaret Thatcher foi quem deu a linha da negação ao negar, de forma bem espontânea e talvez até inadvertida, a própria existência da sociedade. Ela dizia que o povo passou a abusar dos benefícios do Estado, e que isso tinha um preço, aquelas coisas que todos ouvem todo dia, e de repente diz que “there is no such thing as a society”, que só existem homens

e mulheres e famílias. E por aí se desfia o novelo de justificativas para todas as versões e adaptações de um pensamento recente, mas que reivindica origens no Liberalismo de Adam Smith, negando o fato de que Smith descreveu as belezas do trabalho socialmente dividido como a chave mestra para a grande construção social de riqueza que as sociedades humanas puderam passar a usufruir a partir de cerca de 200 anos atrás. Negou a existência da sociedade e, *ipso facto*, passou uma década negando à sociedade da Inglaterra aquilo que ela aprendera ser de direito seu. E bem, dizem os ingleses velhos que conheci que havia abusos em relação ao Estado de Bem-estar, e acredito que sim, deve ter havido muito abuso. Mas para um economista que não acredita em equilíbrio geral, isso é normal. Comprova o fato, de resto evidente, de que economia é gestão de desequilíbrios. Se há uma felicidade em não acreditar em equilíbrio geral, expectativas racionais e todo esse monte de absurdos, é que nós não precisamos negar sistematicamente.

O “there is no such thing as a society” da primeira-ministra inglesa havia virado um tipo de lema informal entre os Ancaps brasileiros, que eram e são vulgares e por isso vulgarizaram até a própria construção intelectual que há por trás do dito anarco-capitalismo. Fizeram camisetas com a frase, e outros produtos comerciais. O produto que mais destaque teve, e mais exerceu liderança, foi o canal de vídeos para jovens Ancaps interessados em enriquecer rapidamente e sem trabalho, que se chamava simplesmente “No such thing”, comandado por um jovem rico e talhado para excitar garotos a perseguir as virtudes da vida hiper individualista. O nome dele era Will Rich.

Havia passado mais de um ano desde o fim da nossa amizade. Nesse período me aconteceram três coisas interessantes. A primeira delas foi que me graduei e tirei minha licença profissional. A segunda foi menos típica. Durante o processo de formatura, me juntei a dois conhecidos da área de química, também recém-graduados como eu, e estabelecemos sociedade. Nós abrimos uma indústria química, que até aqui vai muito bem. Ajudei meus sócios a delimitar um plano exequível e correto, baseado em nichos de aplicação química. Eles tinham desenvolvido um novo cálculo estequiométrico, cuja aplicação em condições laboratoriais adequadas resultava na capacidade de pré-purificar reagentes. Isso significava que o produto das reações químicas teria sempre um alto grau de pureza. Então a

nossa pequena indústria, porque era toda fundamentada em conhecimento científico inovador, inovou no processo de obtenção de químicos. Nós produzíamos químicos variados, mas nossa diferença estava em como os produzíamos. Meus sócios conheciam o processo de pré-purificação de reagentes, mas eram ignorantes em como acessar os mercados certos para introduzir sua nova tecnologia. Coube a mim mostrá-los que o cálculo estequiométrico que haviam criado abria as portas de uma série de nichos comerciais. Começamos pela indústria farmacêutica, depois passamos à de química para construção e revestimentos, depois apresentamos o processo à área de projetos especiais de empresas de papel, e assim prosseguimos: siderurgia, minero-metalurgia, agroquímica. Nós não competimos com multinacionais porque vendemos um processo, não os frascos de reagente pré-purificado que saem da nossa fábrica de pequeno porte. Não faz sentido econômico para os grandes da química mundial copiar o nosso processo, porque não querem atender nichos. E nós vivemos muito bem de atender nichos de mercado. Fizemos faturamento de um milhão e meio no primeiro ano, e as perspectivas de crescimento são excelentes.

O sucesso do nosso empreendimento industrial me trouxe um alívio moral importante. Com a empresa, eu consegui não deixar se instalar em mim o pensamento de que o valor é dissociado do trabalho, como crê meu ex-amigo Will Rich. Posso dizer a mim mesmo que também sou rico, porém com a diferença de que minha riqueza existe porque ajudei a fazer coisas.

Quando comecei a ganhar dinheiro em grandes quantidades, vi como é bom ganhar dinheiro. Entendi perfeitamente o tesão, diria mesmo o regozijo, de todos os tipos de pessoas que experimentam o enriquecimento. Ganhar grandes quantidades de dinheiro é salutar, te rejuvenesce, te melhora a saúde e limpa a cabeça dos pensamentos ruins. Só que ganhar grandes quantidades de dinheiro é a primeira metade do problema; a segunda metade consiste em olhar para trás enquanto se disfruta do dinheiro, e perceber como aquilo surgiu na sua vida. Eu olhei para trás e só vi beleza. Associação com dois jovens brilhantes, uma inovação que auxilia a produção de muitas coisas necessárias para o mundo, ganhos de produtividade para a economia, novas perspectivas empresariais para a localidade onde nos instalamos. Sem falar nos 25 seres humanos formalmente empregados na nossa fábrica, e na contratação de serviços e

compras de equipamentos e insumos que regularmente fazemos. Tudo aquilo, enfim, que um economista de mente sã chamaria de fluxo circular da renda na economia real. Ou, mais midiaticamente, de crescimento econômico. Ganhar dinheiro assim é sã, benéfico, moral, e a um economista de mente sã é algo que deveria ser o objetivo comum: à divisão social do trabalho tem que corresponder uma crescente divisão social da renda.

Muitas vezes comparei a construção da minha riqueza com a de Will Rich, que era dono de uma fortuna originada em especulação improdutiva, pequenos golpes e, mais recentemente, com a excitação de jovens a seguir seu caminho, através de um canal de vídeos na internet. Os rendimentos do “No such thing” excederam seus ganhos no mercado financeiro, ele mesmo falava isso toda hora. De fato, eram milhões de visualizações de cada vídeo publicado, o que ele havia conseguido a partir de uma promessa feita ao público: tudo que ganhasse com as visualizações de seus vídeos, aplicaria no mercado assim que lhe chegasse. E fazia transmissões ao vivo disso, mostrando os números. Um espetáculo pornográfico-financista mensal, montado para ludibriar a juventude. Mas funcionava bem.

A internet Ancap e suas divisões associadas parava uma vez por mês para ver Will Rich aplicar os proventos de seu canal em ativos financeiros. E com isso, fazia crescer a audiência do “No such thing”, o que fazia aumentar os proventos e assim por diante. No restante do mês, ele veiculava ideologia Ancap aplicada aos dramas reais de uma sociedade problemática como a do Brasil — com muita exibição de publicidade em cada nova publicação. Depois que ficou famoso com o canal, nunca mais divulgou o resultado dos investimentos de risco que fazia ao vivo, mas todos tinham razão para crer que seus resultados eram excepcionais. Eu também acho que eram, não tenho dificuldade de admitir que Will Rich era um trader extraordinário. Contudo, considero evidente que a narrativa da construção de sua fortuna não seria motivo de orgulho para uma pessoa sã. Os milhões de Will Rich eram fruto de esperteza barata, oportunismo individualista, enganação e sabe-se lá quantos golpes aplicados no meio do caminho.

Duas coisas interessantes me haviam acontecido no processo de concluir meu curso de Ciências Econômicas. A terceira coisa interessante aconteceu um pouco depois, quando nossa indústria química já tinha começado a prosperar. Usando a folga e o conforto que surgem quando se

tem dinheiro em grandes quantidades, me pus a escolher o que fazer. Não tinha — como ainda não tenho — atração pelo ambiente acadêmico onde os meus colegas de profissão se metem em espirais de violência verbal e desqualificação. Me perguntava se em outros países seria como no Brasil, e sinceramente não sei, mas por aqui os economistas se detestam ao ponto de formar exércitos que vão a campo nos departamentos universitários e nas redes sociais em nome da humilhação, do extermínio de reputações. E eu, que pouco teria a contribuir com o exército do qual faria parte, tive a sorte de poder escolher não tomar parte no ambiente deteriorado do debate econômico.

Os ganhos da empresa química cresciam de maneira tão estável que meu grau de liberdade era de fato amplo. Empiricamente, eu poderia afirmar que é com dinheiro que se ganha a liberdade, e não o inverso. Para mim, isso desmonta o edifício intelectual de todo o flanco liberal deformado contemporâneo, do qual o anarco-capitalismo é a versão mais desavergonhada. De que serve a uma sociedade mais liberdade de ação econômica se para tê-la é necessário renunciar coletivamente às fontes mais idôneas de dinheiro? Essa é a disjuntiva que se coloca para os países a partir da adoção aparentemente perpétua dos preceitos liberais desavergonhados. Empreender é um ato de risco, propenso ao fracasso em proporção maior que ao sucesso, e por isso precisa de todo tipo de estruturação inteligente que lhe apoie, como crédito a preço razoável, condições isonômicas de competição, demanda agregada em crescimento de longo prazo. Qualquer pessoa sabe disso, mesmo que intuitivamente. E principalmente, os países dominantes sabem disso. Mas aqui advoga-se que basta retirar obstáculos de ordem burocrática e reduzir o nível de taxaçaõ dos negócios que, mesmo na ausência completa de qualquer estruturação inteligente, os empreendimentos florescerão naturalmente. E todos serão ricos e felizes. E não nos enganemos, o receituário recomendado exige a troca da estruturação inteligente pela liberação dos obstáculos, ou seja, restringe-se a oferta de crédito, reprime-se a demanda, deteriora-se o trabalho e o salário, mas abre-se um grau de liberdade empreendedora que só é aproveitável por quem já detém capital.

É um mecanismo de filtro social, nada além disso. Já o mecanismo sadio de manutenção de algumas estruturas socioeconômicas inteligentes resulta no surgimento de empreendimentos funcionais como o



meu, que tem ainda o mérito de adicionar novas estruturas socioeconômicas a partir de sua constante geração de resultados e externalidades positivas. Mas bem, o fato é que nisso acabariam minhas elucubrações acadêmicas, certamente insuficientes para aguentar as sessões de tortura a que me submeteriam nas redes sociais, mediante o uso de modelos de regressão econométrica secretamente manipulados para destruir minha reputação. Ainda bem que ganhei quantidades grandes de dinheiro fazendo o que desde sempre se sabe que funciona, e pude dispensar esse pântano. Confirmando então que é o dinheiro que faz a liberdade, e não o inverso, exerci minha liberdade e optei por colaborar com um deputado federal.

O deputado Aníbal de Sacramento estava já no exercício de seu primeiro mandato quando eu dele me aproximei. Era um jovem na casa dos trinta, formado em Direito, mas cuja trajetória política tinha sido toda na defesa dos direitos do consumidor. Ganhou notoriedade fazendo plantões na porta de supermercados, centros comerciais e bancos, captando clientes que se sentiam lesados logo na porta de saída, no calor do sentimento de injustiça. Depois, fez disso um sistema, e pôs jovens estudantes de Direito para fazer essa função em seu lugar, enquanto ele levava adiante as dezenas de processos que abria contra todo tipo de varejista, prestadora de serviço e empresa financeira.

Um dia, deu a sorte de encontrar uma equipe de televisão gravando algo sobre aumento de preços na frente de um grande supermercado. Ele conversava com uma velha para entender como lhe ajudar no tribunal de pequenas causas, e de repente a velha teve um princípio de infarto. Arroxeou-se um pouco, chegou a cair no chão e chamaram ajuda. Chamou a atenção do repórter da televisão, que começou a gravar a cena. Não creio que saísse com o destaque dado, pouco tempo depois, se o agora deputado Aníbal de Sacramento não tivesse aproveitado a câmera para criar a sua versão para o infarto da senhora. Apresentou-se como um dileto advogado que trabalha sob contratos de risco — só recebe quando ganha a causa —, e pintou a imagem diabólica do supermercado que havia lesado aquela velha indefesa, uma injustiçada que corria risco de morrer de indignação pela grave lesão a seu direito. A velha sobreviveu, e quem sabe até tenha votado em Aníbal pouco tempo depois, porque após esse episódio cotidiano o advogado de porta de loja foi convidado a fazer comentários sobre direito

do consumidor na televisão. Aparecer regularmente na televisão, ainda hoje, projeta um cidadão à elegibilidade política, e por isso foi assim natural a ascensão de Aníbal à cena política. No Congresso Nacional, se supunha que ele atuasse com grande vivacidade e ímpeto em favor dos consumidores. Mas não, a grande política é para profissionais da política, e a menos que Aníbal se tornasse um profissional, continuaria desorientado e irrelevante. Foi na desorientação e na irrelevância que o encontrei quando solicitei um horário para visitar seu gabinete. A minha intenção era oferecer um serviço gratuito de assessoramento econômico não convencional. Eu já estava rico e sem nenhum indicativo de desandar, então me permiti entrar nisso por esporte. Tive vontade de rir de Aníbal quando ele, ouvindo minha oferta, expressou uma sagacidade política muito artificial, como se quisesse compensar comigo as muitas passadas de perna que levava todos os dias de seus colegas políticos. Mas me segurei e desarmeí o espírito do parlamentar amador, que rapidamente se mostrou sincero como um cidadão comum. Em troca, fui explícito.

“Deputado, entendo que o senhor tenha sua assessoria econômica formada, e também que o senhor nunca ouviu meu nome. Eu sou economista e faço minha vida como empresário industrial. Mas o motivo do meu contato não tem a ver nem com a economia do Brasil, nem com a situação da indústria. O senhor já ouviu falar de Anarco-Capitalismo?”

Ele conhecia muito lateralmente a atividade dos Ancaps brasileiros, era um homem ligado demais aos temas da realidade para desperdiçar seu tempo com elucubrações sobre o fim do Estado. Expliquei a ele que, embora na maioria das vezes de forma não declarada, o anarco-capitalismo vinha ganhando espaço na política brasileira através da influência crescente de jovens Ancaps na internet. Fiz menção ao voto do deputado Guilherme Bastos Condorcet quando o Congresso autorizou a titulação privada de terras por autodeclaração de benfeitorias. Condorcet chegou a dizer no seu discurso favorável ao projeto que “uma vez que um homem ocupa uma terra e nela trabalha, mesmo os recursos de um rio que lhe atravessa serão seus conquanto dentro dos seus limites, e que se lhe aprover construir uma barreira neste rio e represá-lo, dita obra deve ser considerada uma benfeitoria em sua legítima propriedade, não cabendo ao Estado ou aos demais cidadãos direitos de uso sobre a água do rio enquanto em propriedade privada ela se mantiver represada”.

Expliquei a Aníbal que havia gente defendendo coisas como o sequestro privado de bens comuns essenciais, como no caso da titulação de privada de terras por auto-declaração de benfeitorias, e muitas outras pautas absurdas de teor semelhante.

Por exemplo, o projeto de substituição dos tribunais de pequenas causas por arbitragens privadas oferecidas por escritórios de advocacia; o projeto de remuneração do trabalho formal por minutagem pré-contratada; a instituição de direitos de comercialização de menores de idade a orfanatos quando houvesse interesse econômico contratual mútuo do orfanato e dos pais — tese que foi defendida pela deputada Aimée de Holanda Albuquerque como a saída para introduzir o lucro na atividade caritativa. E tantas outras que o empobrecido debate público sequer percebia.

A sorte do país é que os processos legislativos vigentes são muito lentos e formais. Não fosse assim, muitas dessas ideias teriam virado lei. Até aqui poucas se tornaram leis, porque em geral o processo legislativo altera pontos que os proponentes consideram fundamentais, e eles preferem que o projeto não vá a votação. Mas logo depois de retirar um projeto Ancap absurdo, eles apresentam novos.

Mostrei a Aníbal de Sacramento como isso vinha tornando a agenda política brasileira um grande matadouro de direitos e liberdades públicas, legalmente garantidas apenas pela via do Estado presente e funcional. Claro que aqueles políticos e assessores que se assumiam Ancaps eram ainda uma minoria extravagante, mas eles tinham o apoio de toda a enorme bancada liberal, com suas muitas vertentes, cuja preocupação política era professar a fé na superioridade da empresa privada sobre o Estado em tantas áreas da vida social quanto fosse possível. E assim, estavam sempre juntos.

O ponto de corte entre eles e os Ancaps é que os liberais tradicionais eram políticos de estatura, falavam com a imprensa todo dia e poderiam ser cobrados caso votassem a favor de autorizar a venda de uma criança por contrato a um orfanato. Pegaria mal se um orfanato-empresa mais capitalizado começasse a abrir franquias de oferta de crianças para adoção mediante pagamento de mensalidades pelos casais candidatos. Poderíamos rapidamente ver parte da infância brasileira negociada numa espécie de bolsa, com a prática de leilões e o marketing formando preços mais altos para crianças mais louras e silenciosas. Os liberais sabiam disso, e por essa única razão — creio eu — eles limitavam a aprovação dos projetos da

bancada Ancap. Seria questão de tempo, no entanto, o crescimento da representação política do anarco-capitalismo, especialmente devido a seu crescimento na influência digital sobre as novas gerações. E quando esse dia chegasse, a transformação do Brasil no que eles gostam de chamar de Ancapistão, como se fosse um Afeganistão, teria se iniciado.

Aníbal entendeu perfeitamente o perigo. Antes, ele conseguia associar a hegemonia do pensamento liberal no Congresso com as já clássicas agendas de desregulação e privatização, e sobre isso chegou a me dizer que se sentia impotente. O rolo compressor era forte demais, não sobrava espaço para um debate alternativo sobre a economia nacional. Quando houve a grande crise mundial dos semicondutores, o governo não apenas acabou com a empresa pública que os produzia em solo nacional como, no meio do processo, começou a falar de atrair investimentos internacionais em microeletrônica. Atrair investimentos.

Estes celerados canalhas não têm a mínima noção de como é virtuosa a formação de capacidades técnicas locais em torno de projetos produtivos essenciais. E eu sou testemunha ocular e pessoal disso. Então despejam sobre a sociedade a ladainha da atração de investimentos internacionais, que pega bem porque eles têm todos os meios de comunicação a seu favor e porque, claro, para eles é sempre um excelente negócio. Um dia a caixa preta das entregas feitas pelo Brasil ao mundo desde a abertura na década de 1990 vai ser aberta, e aí vai ser aquela chorumela hipócrita nas imagens oficiais, e a mais intensa fuga de capitais já vista na história. Paraísos fiscais terão semanas de trabalho ininterrupto quando isso acontecer.

Até aí a percepção de Aníbal conseguia alcançar, porque o assalto à riqueza brasileira já se havia institucionalizado de um tal modo que dela se falava aberta e risonhamente nos corredores do Congresso Nacional. Ele se frustrava, pois via deputados e senadores de todo o espectro político abraçando a decomposição da economia brasileira, como se fosse uma grande agenda modernizadora. Essa era a senha deles, afinal, para não criar conflito com os grandes interesses financeiros, midiáticos e rurais que detinham os meios para reeleger qualquer um deles. E a trajetória de Aníbal como advogado de consumidores lesados era de forte contato com a realidade das ruas, onde ele viu o que o desemprego de longo prazo faz com uma família de baixa renda, ou como uma empresa qualquer pode empurrar

um cidadão para a informalidade bastando usar uma alegação contratual marota. Por isso meu aparecimento em sua vida de parlamentar foi significativo. Eu o fiz ver que embora o Brasil estivesse entregue no que diz respeito à grande economia, o pensamento liberal tinha uma vertente radicalizada que pretendia refletir os mesmos feitos do liberalismo hegemônico no varejo econômico e jurídico das relações sociais. E que era preciso fazer algo a respeito antes que se tornasse irreversível.

Naquela tarde, conversamos até o entardecer, e saímos do seu gabinete no Congresso para continuar a conversa num bar de Brasília frequentado por políticos e burocratas de alto nível. Foi ali, depois de duas ou três rodadas de cerveja tomadas sem inibição num ambiente onde predominavam releituras de drinks famosos, que eu puxei o celular e mostrei a ele os vídeos do canal "No such thing".

Comecei pelos mais leves para dar tempo para ele beber um pouco mais. Ele riu dos primeiros, depois acabou a graça. Os absurdos começaram a ganhar volume, e aquilo que parecia cômico passou a despertar reações. Aníbal quis fazer comentários no vídeo. Tive que lembrá-lo de que ele é deputado federal, além do mais estávamos vendo pela minha conta. Alimentei Aníbal um pouco mais, e a cerveja continuava chegando, até que, no momento mais certo, joguei a isca planejada. Um vídeo em que Will Rich pede o fim dos direitos do consumidor, porque segundo ele, os consumidores já têm em suas mãos todo o poder necessário para fechar uma empresa, bastando parar de comprar dela.

“Falir a empresa é muito melhor do que punir. Quando um fiscal aplica uma multa na empresa que maltratou o cliente, essa multa pode terminar sendo um incentivo para a empresa continuar fraudando os outros. O valor da multa pode ser muito menor do que ela perderia se todos os clientes deixassem de comprar nela. A lógica manda que ela prefira a multa e continue fraudando. No fim, tudo é cálculo de custo e benefício, e se o benefício de fraudar o cliente é maior do que o custo da multa, a multa passa a prejudicar o cliente. Porque as multas que ela vai receber vão adiando o fim dessa empresa que não merece estar viva no mercado. Então, por isso, se a chamada defesa do consumidor deixar de existir, o consumidor estará muito mais bem defendido, usando suas únicas armas reais que são o seu dinheiro e seu poder de escolha! O mercado sempre se equilibra, é necessariamente verdade que defender o consumidor é uma

interferência na liberdade do mercado que distorce os custos e benefícios, e o único que ganha com isso é sempre quem está no mercado sem merecer o seu lugar”.

Um discurso como esse aos ouvidos de um advogado especializado em defesa do consumidor, seria repugnante. No caso de Aníbal, soou pessoalmente ofensivo, porque ele havia feito tantas ações judiciais contra empresas por variados modelos de falcatrua, que conhecia como as coisas se dão por dentro.

“Esse imbecil não sabe de nada! Ele fala de mercado como se existisse mercado! São sempre poucas empresas em cada ramo, esse sujeito não entende nada! As empresas combinam tudo! Preço, fraude, promoções, datas festivas, é tudo combinado! E o pior, são todas as mesmas! Uma tem participação acionária na outra, o que esse imbecil diz é basicamente deixar os cartéis esmagarem o consumidor sem chance de defesa!”, revoltou-se Aníbal.

Reagiu como eu presumi que reagiria. Aníbal tinha socorrido gente à beira da agonia real, vítimas de defraudações feitas ali onde a lei é falha, e que para as empresas resultam em margens de lucro insignificamente maiores. Mas que, para os lesados, pode significar às vezes um décimo da renda mensal, às vezes um quinto. Sua revolta era, portanto, plenamente compreensível.

E foi assim que me tornei seu assessor econômico especial não remunerado. Na verdade factual, eu não era nada, apenas me tornei uma pessoa de confiança na qual ele se referenciava regularmente para entender e combater melhor o que as muitas vertentes da bancada liberal propunham nas sessões regulares do Congresso.

Durante o tempo em que trabalhamos juntos, Aníbal de Sacramento aprendeu a ser político profissional e soube manter a integridade. Naquela noite de copo atrás de copo em Brasília, não havia como imaginar — eu mesmo não planejei e nem poderia imaginar — que ele terminaria por exercer um papel que com toda justiça pode ser definido como histórico na resistência à decomposição socioeconômica do país. Ou talvez devesse escrever Histórico, como as correntes políticas históricas gostam de se referir à história na qual se constituíram e se mantêm, com H maiúsculo. Eu dou risada, mas é com sentimento de tristeza, pois aqueles que conseguiram realizar um percurso de fato histórico na vida de um país

não precisam de uma letra maiúscula para lhes ajudar a se definir. O governo da superficialidade e da estética sobre o sentido se tornou um grave problema da humanidade — ou Humanidade, se preferir.

## Uma ciência discursiva

Do canal de Will Rich:

“Se no Brasil a grande maioria da sociedade entendesse o princípio da escassez, nós seríamos um país muito melhor. Seríamos como os Estados Unidos, onde todo mundo entende o princípio da escassez, e aceita que a vida é assim. Uns podem ter mais que outros, e aquilo que eles podem ter a mais do que os outros é, necessariamente, aquilo que tem mais valor. Quem não pode ter as coisas de maior valor tem duas alternativas: chorar ou enriquecer.

"Só existe uma coisa em toda a vida humana que não é atingida pelo princípio da escassez. São as oportunidades. Porque, pensem comigo, se os homens buscam as coisas para satisfazer suas necessidades e desejos, e quanto mais uma coisa é escassa, mais ela tem valor, então sempre menos homens conseguirão obter coisas cujo valor seja crescente. Menos gente com acesso a mais valor. Mais gente com acesso a menos valor. Essas linhas são móveis, ou seja, é cada vez menos gente com acesso a cada vez mais valor, e vice-versa. E isso é belo, é moral, isso é belíssimo, é perfeito! Por duas razões. Primeiro porque se não fosse assim, a humanidade não seria composta por indivíduos em regime de eterna competição, e sim por comunidades harmônicas, porém desprovidas de incentivo, e provavelmente não teríamos deixado de ser índios. Segundo porque, e isso é o principal, isso coloca em seu trono o verdadeiro rei da ação humana, aquele que ninguém pode desrespeitar sem sofrer um castigo muito cruel. O preço! O preço é o elemento sagrado por trás de tudo, porque só com o preço o mercado consegue distinguir quem pode e quem não pode. E a outra consequência formidável da realidade da escassez é que a única coisa abundante de fato é a oportunidade de reduzi-la, pois quanto mais os ricos são ricos, mais podem comprar. É por isso que a única forma de acabar com a pobreza é enriquecer ainda mais aqueles que já são ricos. Você não é rico? Você é limitado pelos preços justos do mercado? Então use as oportunidades sem fim que estão aí e enriqueça. Ou você pode continuar chorando e dando desculpas para desperdiçar a sua vida clamando por uma justiça dos céus contra a única régua capaz de determinar a paz no mundo dos homens, ou seja, o preço das mercadorias postas à venda por indivíduos



para satisfazer outros indivíduos no regime de livre competição por riquezas”.

Jumento! Se esse jumento tivesse ficado na faculdade até a conclusão, teria chegado a conhecer o conceito de elasticidade, e não passaria vergonha falando asneiras moralizantes sobre temas sérios. Em termos práticos, as elasticidades anulam essa compreensão rígida da escassez, pelo simples fato de que tanto a demanda como a oferta variam com o preço. E pior: a demanda varia de acordo com a renda, o que vem a gerar a chamada elasticidade-preço da demanda cruzada, em que a demanda por um bem varia de acordo com a alteração no preço de outro bem. E esse quiproquó típico de alunos de graduação sobre microeconomia fica raso quando introduzimos as elasticidades macroeconômicas. O que acontece com esse cenário econômico de aldeia medieval quando as exportações e importações variam de acordo com a taxa de câmbio? E o que acontece com a aldeia quando a demanda por moeda varia de acordo com a taxa de juros? Eu digo o que acontece: acontecem desequilíbrios permanentes que são a própria caracterização do sistema econômico contemporâneo em regime de economias de mercado abertas. E isso significa que qualquer explicação enrijecida a partir de dogmas, como o princípio da escassez, é estúpida. *Ceteris paribus*, nada nunca está constante.

Entretanto, a discussão teórica nunca chegou nem perto das preocupações de Will Rich, porque o “No such thing” era um instrumento de cooptação política e comercial. Através da promessa de um futuro de prosperidade geral se as amarras à livre circulação de qualquer bem e qualquer serviço fossem removidas, ele capturava a atenção de um número crescente de jovens. Com isso, reforçava a agenda de decomposição econômica do Brasil, aumentando as fileiras políticas mais radicalmente mobilizadas contra toda e qualquer participação do Estado no domínio econômico e social. E enriquecia mais, porque milhões pagavam sem perceber pelos seus vídeos, que lhe geravam recursos significativos pela exibição constante de publicidade e patrocínios. Recursos estes que, uma vez por mês, eram jogados no mercado financeiro em trades arriscados transmitidos ao vivo. Ele recebia do exterior o dinheiro, convertia e, no dia seguinte, passava horas ao vivo mostrando à garotada como ele sabia multiplicar dinheiro sem trabalhar. Chuvas de comentários laudatórios, ícones de cifrão, barras de ouro, sacos de dinheiro, notas de dinheiro,

palavras e mais palavras vazias, tudo criando ao redor de Will Rich um ambiente de celebridade. Houve um momento em que suas transmissões mensais de trade com o dinheiro arrecadado no canal estavam tão populares que ultrapassaram os 3 milhões de espectadores simultâneos. Isso é mais de 1% da população total do Brasil. Foi com essa frase que eu convenci o deputado Aníbal a assistir comigo.

“Isso é mais de 1% da população total do Brasil”, eu disse a ele.

“Sim”, ele respondeu, “esse rapaz ainda vai deixar muita gente na mão. Isso que ele faz é irregular? Cabe processo?”

“Eu não sei, mas creio que não. O dinheiro é dele. Os garotos batem palma pra ele todo dia, e veem as publicidades. É a nova regra do jogo, não há o que fazer”.

“Está vendo o patrocínio da empresa de saúde atrás dele?”, ele perguntou.

“Sim, o que tem?”

“É uma grande fraudadora, eu já processei e ganhei a causa em duas instâncias. O recurso especial deles provavelmente vai vingar porque em Brasília vale mais a advocacia do dinheiro. Mas eles lesaram uma penca de gente. Vendiam um serviço de corretagem de seguros de saúde, prometendo achar sempre o menor preço para o cliente final. Atacavam especialmente funcionários de empresas de pobre, transporte urbano, limpeza, essas coisas. Só que na verdade eles monopolizaram um rodízio de preços de ocasião formado pelas três maiores seguradoras do país. Cada dia e hora, dependendo do lugar, uma das três aparecia com o preço mais baixo. Daí essa empresa marcava suas reuniões com o RH das clientes sabendo o que poderiam oferecer de mais barato, e sempre dava certo. Isso acabou matando as duas outras seguradoras que ainda disputavam o mercado. E de repente o rodízio acabou e toda a base de clientes teve aumento superior a 20%, mas já sem ter para onde correr. Como o aumento aconteceu justo quando as duas concorrentes de fora do cartel faliram, eu só posso deduzir que o cartel ameaçou depená-las e forçou a falência antes que fosse tarde. Nada disso teria acontecido se no ano anterior meus colegas do Congresso não tivessem votado pelo fim da regulação estrita sobre os seguros de saúde. Ficou valendo uma regulação que eles chamam de ampla, mas que na prática é igual a nada. Essa empresa que patrocina o seu amigo, então, foi recompensada pelos serviços prestados. Hoje é a maior corretora de

seguros de saúde, e já expandiu para seguros de casa, carro, vida. Vi o dono circulando entre os deputados semanas atrás, e fiquei sabendo que ele está preparando uma autorização para funcionar como financeira, e com toda certeza vai querer virar banco daqui mais uns anos”.

“E você processou em nome de quem?”

“De uma associação de terceirizados de serviços gerais. Limpeza e manutenção predial. Os empregadores haviam concordado em pagar o plano de saúde dos funcionários porque a corretora tinha achado um preço barato, mas quando veio o aumento abrupto, se aproveitando da falta de regulação, os empregadores compensaram o aumento cortando um seguro contra acidentes de trabalho. Deram o azar de que, três semanas depois, no depósito deles, caiu uma prateleira onde ficavam tonéis de 40 litros de produtos de limpeza. A prateleira que caiu derrubou outras embaixo dela. Três morreram e dezessete se feriram. Dos feridos, mais um morreu. Como não havia mais o seguro de acidentes, os feridos foram demitidos ainda no hospital e as famílias dos mortos não receberam nada. Aleguei responsabilidade solidária da corretora de saúde e ganhei, porque anexe ao contrato do plano de saúde coletivo a notificação do aumento, e um documento que a empresa forçou os trabalhadores a assinar, tomando ciência de que a partir dali não tinham mais seguro contra acidentes. As datas do aumento e da renúncia ao seguro de acidentes eram as mesmas”.

Esse é o mundo real, mas de fato Aníbal tinha apontado algo que antes não percebia. Will Rich era patrocinado por empresas, e era lógico que fosse, pela audiência que tinha. Revisei alguns dos muitos vídeos que ele vinha publicando nos últimos tempos, me perguntando como não havia reparado na tela de cristal líquido colocada atrás dele em ângulo calculado, onde eram exibidas marcas comerciais. Por meses aquilo estava ali e eu não dei atenção. Capturado pela reação espontânea às sandices que ele dizia, meu cérebro era presa fácil para a comunicação subliminar.

Me demorei na revisão dos vídeos anteriores, dos mais recentes aos antigos, e vi que fazia tempo que ele tinha colocado a tela para exibição de marcas. Nos vídeos mais antigos, passavam anúncios de varejos de internet, de sites de notícias econômicas, havia variedade. Nos mais recentes, contudo, Will passou a exibir apenas marcas comerciais relacionadas a serviços de saúde privada. Hospitais, clínicas, farmacêuticas, seguradoras, corretoras, serviços médicos, exames e diagnósticos, importadores de

insumos e equipamentos, reabilitação e terapias... todo o setor de saúde privada que tinha existência material na economia estava ali representado. Se alguém visse o canal todo dia, como a maioria do público certamente faz, não perceberia a constância das empresas da saúde privada no “No such thing”. Detendo-se nisso, no entanto, era mais que óbvio, era um desfile permanente de empresas do ramo reunidas todas em um só veículo de informação, cuja linha de pensamento deveria ser repelente de tantas empresas grandes e supostamente respeitáveis.

Foi didático para mim rever as publicações mais recentes do “No such thing”. Nos últimos tempos, a vida de industrial e assessor parlamentar informal vinha me consumindo. A percepção de que Will Rich estava ganhando ainda mais dinheiro de empresas de grande porte, algumas das quais eram clientes da minha própria indústria química, me despertou a antiga rivalidade com o transformado Uilian. Ele certamente estava muito mais rico do que eu, verdade que reconheço sem dores, não só pelo que mais tarde aconteceu com ele, mas porque meu diploma não me autoriza o ressentimento econômico.

Nutrir rancor porque alguém é mais rico que você só faz sentido para pessoas que não entendem o que é a Economia. O que é a Economia? A Economia é a matéria prima da Política, nada além disso. Um bonito aforismo. Quem se rói de inveja porque alguém tem mais poder econômico do que si está esquecido de que, na expressão “poder econômico”, existe a palavra poder. O dinheiro nunca se acumula sem que se acumule junto, mas em proporções que podem ser diferentes, o poder. O que causa o quê, neste caso, é uma pergunta retórica inteiramente irrelevante. Se estão sempre juntos, na presença ou na ausência, não há sentido prático em saber o que causa o quê. De forma que acumular poder é acumular dinheiro, enquanto acumular dinheiro é acumular poder. A acumulação é uma força centrípeta. Outro bonito aforismo. Uma contribuição que poderia dar ao pobre cenário acadêmico das Ciências Econômicas seria em forma de aforismos, como o que segue: quando os economistas perceberem que tudo em Economia é artificial, passarão a estudar a Física, em lugar da Matemática.

Tomando nota de aforismos como esses, que é como uma pessoa solitária, rica e responsável se diverte depois da meia-noite, me pus a pensar na incidência de publicidade de empresas de saúde no canal do meu ex-amigo. E sendo solitário, explorei ainda mais os vídeos que fazia. Muitos

dos mais recentes eu não conhecia, pois chegou um momento em que, quando muito, eu ligava na transmissão mensal de trade ao vivo. Essas transmissões foram uma excelente ideia. Will Rich se alçou à celebridade por meio delas. Saíram entrevistas suas em todos os veículos de informação econômica da internet brasileira, cuja quase totalidade era de linha ultra-liberal. Ele virou o herói Ancap, e o que dizia em seus vídeos ganhava eco imediato junto às hordas crescentes do anarco-capitalismo, assim como entre liberais de outras vertentes que, na minha opinião, seriam Ancaps enrustidos.

Se eu não tivesse restrições de toda ordem contra seus posicionamentos políticos, porque ao fim e ao cabo o que ele fazia era política, poderia confessar facilmente minha admiração por seu sucesso. Sem rancor ou raiva, fui repassando trechos de seus vídeos, confirmando a onipresença de marcas ligadas à saúde privada na tela de cristal líquido posicionada atrás dele. E confirmando também algo que pensei ter ouvido antes, sem prestar atenção: a quantidade de vezes que Will Rich dedicava minutos de sua fala a atacar o sistema público de saúde.

Parecia que o assunto lhe alterava o humor. Com a prática, Will havia dominado a arte da comunicação digital, o que era perceptível pela leveza com que despejava ancapismos brutalmente equivocados sobre o público. Contudo, quando se lembrava de bater no sistema público de saúde, a feição mudava, a voz ficava severa.

“A própria existência de saúde pública gratuita é ofensiva à vida do homem. Um indivíduo que sabe que não existe preço na cura de uma doença é um indivíduo que aceita adoecer. Um homem que sabe que será socorrido ao se acidentar se torna imprudente. Quem tem o privilégio de ter sua vida conservada sem pagar é alguém que não sabe pôr preço na sua existência. E quando isso se espalha, o que se tem é um grupo de indivíduos lesos, sem consciência do valor, nem de si próprios, e a consequência disso é um mercado pobre porque os agentes não têm a mínima referência sobre seus próprios preços.”

Revi o episódio em que ele vinha dissertando sobre a validade das atividades de cambismo e agiotagem, e no meio do discurso ele parece se recordar de falar sobre saúde pública:

“Todo mundo já viu as filas enormes na porta dos hospitais públicos. A culpa daquilo é a desorganização absoluta do mercado. Aliás, a

quase inexistência do mercado. Todos acham que têm o mesmo direito a um serviço escasso, oferecido em escassez de lugares, escassez de profissionais e escassez do próprio tempo disponível para atender tanta gente. Ora, se todo o sistema de saúde fosse privado, as filas de gente na porta se dividiriam de acordo com o poder aquisitivo dos indivíduos demandantes. Isso estimularia a abertura de tantos hospitais privados quanto fosse necessário para atender cada um, com a qualidade de atendimento correspondente ao que cada um pode pagar.”

Às vezes ele se entregava a divertimentos fantasiosos sobre como seria o Ancapistão.

“No futuro, o Ancapistão não terá fronteiras nacionais nem direitos coletivos. Só o sagrado direito individual à propriedade, do qual decorrem todas as condições necessárias para a felicidade de todos os indivíduos. No Ancapistão, todo homem saberá o preço de sua existência, e por isso não terá por que se submeter a situações que o adoecem, mutilam ou matam. A única razão para um homem aceitar uma situação que o adoça será o lucrar. Se ele lucrar mais do que custará o tratamento de um eventual prejuízo à sua saúde, terá benefício maior que custo. Se lhe pagarem bem para engolir vidro, que é algo que pode lhe matar, o preço disso será tal que ele poderá engolir o vidro com assistência médica contratada e a postos para lhe socorrer. Ao final, ele terá arriscado a vida por dinheiro, terá realizado lucro de médicos e enfermeiros privados, e embolsará uma excelente quantia. O Ancapistão é o mundo onde tudo é oportunidade de lucro, o Ancapistão será o paraíso”.

Se houvesse regulação das atividades de comunicação no Brasil, certamente um vídeo como o que revi teria que ser retirado, por apologia à prática de crimes contra a vida.

“A triste verdade é que no mundo atual em que o Estado coercitivo regula a vida dos indivíduos, a prevenção do assassinato pela lei é falha. E por que ela falha? Porque morre-se de graça! Quem morre assassinado sofre a pior das violências, e o que seus familiares ganham com isso? Uma esperança abstrata de justiça, e nada mais. Se houver um preço a pagar — o maior de todos, um preço impossivelmente alto — por cada vida perdida, a coisa muda de figura. Será mais possível que os indivíduos busquem lucros exorbitantes através da entrega voluntária da própria vida em um mercado de assassinatos consentidos, do que essa tristeza de mortes gratuitas como

hoje acontece. Digo isso porque, num ambiente de absoluta liberdade individual, o psicopata que puder pagar para matar tem que poder encontrar alguém disposto a lhe oferecer a vida em troca de um altíssimo preço. Claro que haverá pouquíssimos psicopatas ricos o bastante para isso, mas pode haver quem pague. Nessa situação, é necessário que não exista um direito coletivo de manutenção da vida, e portanto, não pode existir um serviço público de saúde. Se existir, essa troca voluntária fica completamente distorcida, e o assassinado terminará sendo salvo e não vai receber o dinheiro, e o psicopata não terá se tornado um assassino”.

Dizem os Ancaps que sua doutrina segue um certo Princípio da Não Agressão. Sendo assim, essas teses defendidas por Will Rich estariam em desacordo com o que os fundadores do anarco-capitalismo propuseram. Pode ser que Will tivesse se tornado um Ancap extra-radical, uma consciência ultra-liberal e ultra-individualista tão exacerbada que manifestasse espontaneamente coisas que nem os Ancaps mais delirantes conseguiam exprimir. Minha opinião: isso não importa nada, pois os passos lógicos posteriores às teses aceitas por todos os Ancaps vão sempre na direção da barbárie. Argumentar contra a saúde pública universal os coloca a todos em um mesmo lugar, os de argumento limpo e os de argumento sujo. Sendo um industrial químico, criei uma versão científica para o velho ditado. Um aforismo a mais: é pelo produto da reação que se conhece o reagente. Ou, como diziam os antigos, é pelo fruto que se conhece a árvore.

\*\*\*

A árvore do canal “No such thing” começou a ficar bem visível para mim a partir do dia em que, chegando para trabalhar, encontrei a administração aturdida. Um conjunto de pedidos completamente atípicos estava entrando, e quem conhece a produção real sabe que isso não é só uma boa notícia. Desorganiza seu cronograma produtivo, desfaz a programação do departamento de compras, te obriga a pressionar fornecedores, te obriga a contratar e treinar pessoas com muita rapidez. A empresa aumenta a perspectiva de faturamento, mas tem que mudar tudo muito repentinamente. O bom é o crescimento planejado. E os pedidos que entravam vinham todos de grandes multinacionais farmacêuticas, o que por si era algo estranho. As grandes farmacêuticas compravam reagentes de

suas matrizes, ou de sócios internacionais, sempre em quantidades planejadas para um ano ou mais. Três pedidos diferentes de uma só multinacional entraram durante a manhã. Uma concorrente dela colocou um pedido que, sozinho, representava duas vezes mais reagente do que a outra.

Chamei Gabriel e João, meus sócios químicos. Precisávamos discutir o que significava aquilo. Perguntei se sabiam o que estava acontecendo. Gabriel sabia.

“Eu liguei para a associação mais cedo. O mercado está todo assim. E foi de repente. Ninguém das áreas administrativas estava entendendo, mas o presidente da associação foi meu professor, ele topou se abrir comigo. Pouca gente sabe disso, por favor, não espalhem. Um grupo grande de deputados e senadores vai apresentar o projeto de extinção do sistema público de saúde”.

Escutei Gabriel pronunciar aquilo, mas foi como se não escutasse, era como se sua voz me chegasse abafada. Ele repetiu:

“Um grupo grande de deputados e senadores vai apresentar um projeto para extinguir o sistema público de saúde, com apoio total do governo. Vão aprovar, está praticamente garantido. Parece que o projeto vai fatar o sistema. Tudo aquilo que for tangível vai ser privatizado, os hospitais, as clínicas. E o que for intangível, por exemplo a base de dados dos usuários, a folha de pagamento dos funcionários, tudo isso passa a ser administrado por empresas de aplicativos digitais contratados pelo governo por licitação”.

“Pilantragem infinita! E o seu professor é a favor disso?”, perguntei.

“Ele é presidente da associação, representa os interesses do setor. O volume de negócios vai ser muito maior. Ele é a favor, me surpreenderia se não fosse”, ele disse.

“E como exatamente isso explica os pedidos que estamos recebendo hoje?”

Gabriel continuou. Eu, bem aturdido, tive dificuldades para entender, mas depois esfriei a cabeça e tudo fez sentido. Era bem simples o que nos acontecia naquela manhã. O sistema público de saúde seria extinto em questão de meses. Como costuma acontecer em países sem nenhum autorrespeito, como o nosso, os futuros compradores e concessionários da enorme quantidade de ativos já eram conhecidos. Estando todos previamente combinados com o governo e o Congresso, era a hora da



pechincha. Nenhum deles aceitaria pagar um preço nem perto do que seria justo pelos ativos do sistema. Por isso, o sistema precisava fabricar prejuízos em larga escala, e imediatamente. Precisava abrir arreganhados buracos em suas contas, propositalmente, a fim de justificar valores aviltados na hora da venda. Quando os rombos estivessem abertos, certamente algum jornal ou revista começaria a publicar supostas denúncias de ineficiência na gestão dos recursos públicos, possivelmente achando algum bode expiatório corrupto para ajudar a inflamar a opinião pública. Quando a classe média tivesse comprado a ideia de que o melhor era extinguir o sistema de saúde, os políticos entrariam em ação.

Com aquela pompa que só a alta hipocrisia da responsabilidade lhes confere, anunciariam o caminho para o saneamento, para a remissão deste grande mal que é a oferta universal de serviços de saúde gratuita para um povo cuja renda per capita é péssima, cuja parcela vivendo em pobreza absoluta é de dezenas de milhões de seres humanos. O Brasil sabe ser extremadamente asqueroso.

A nossa indústria química, sem a minha mínima vontade, estava participando desse esquema de assalto à luz do dia. Tantos pedidos por reagentes feitos por fabricantes de medicamentos significavam, na prática, compras irresponsáveis feitas pelo governo a estes fornecedores. Sabendo como tudo ia funcionar dali para frente, a verdade infeliz é que nem as farmacêuticas estavam de fato obrigadas a entregar o que delas se comprou, nem nós seríamos de fato cobrados a entregar o que estavam comprando de nós. Estava formado o que em algum momento do final do século passado chamavam de trem da alegria. Bastava que os contratos fossem assinados e as faturas fossem pagas. No meio do caminho, empresas da área de saúde privada financiariam os jornalistas e políticos para seguir com o plano. A essa altura, não serviria de nada mandar suspender o atendimento de todos os pedidos por reagentes, parar a empresa e explicar o que estava se passando. Primeiro porque não sabia até que ponto meus sócios entenderiam e concordariam com isso. Segundo porque eram 25 famílias economicamente dependentes do nosso negócio. E sair do trem da alegria abruptamente, ainda por cima declarando princípios éticos, significaria a morte para a nossa indústria. Talvez se fôssemos muito grandes, poderíamos fazer isso e quebrar o esquema. Porém, no tempo em que eu vivo, as empresas muito grandes que declaram princípios éticos já não existem mais.

Essa seria a hora em que o desânimo e o ceticismo desesperançado tomam conta de uma pessoa. Só que eu não sou feito dessa matéria, e então passei a cogitar linhas de ação. E não, não posso negar minha personalidade voluntarista. Escolho o termo voluntarista com grande cuidado e precisão, pois é exatamente assim que sou. Quando entorna o caldo, a urgência se instala, e o que ela encontra? Desorganização. Assim são os voluntaristas. Diferentemente de vários colegas economistas que, desde os anos de faculdade, estavam de alguma forma organizados politicamente, eu limitei minhas ações a uma cruzada pessoal contra o ancapismo de um amigo e, depois, a construir uma empresa industrial. Perdi em uma, ganhei na outra. Mas na arena pública, que é onde estava se dando esse crime aberrante e sigiloso, eu só havia construído uma amizade cordial com um deputado que me aclarava coisas e que me ouvia com atenção. E nada mais.

Ainda assim, liguei para Aníbal, ao menos poderia me informar melhor. Ele não podia me atender. Então, apareceu sem se anunciar o pensamento que era o meu ponto de encaixe com aquilo tudo. Will Rich e suas constantes propagandas contra o sistema público de saúde, todas estampadas por marcas comerciais de empresas do ramo da saúde privada. No dia anterior, ele havia feito sua transmissão ao vivo do trade mensal com todos os recursos arrecadados pelo canal “No such thing”. Resolvi assistir, eram várias horas sem interrupção, então acelerei o vídeo. Acelerado, o Ancap fica ainda mais estranho aos olhos de alguém normal. Ele se torna uma avalanche de surrealismos. Lá estava a publicidade de uma rede privada de hospitais, fixa atrás dele numa tela de cristal líquido bem visível. Nessas transmissões, Will passava certos momentos em silêncio, sem que diminuísse a sua audiência. Depois ele voltava a falar, quando concluísse um trade qualquer, e mostrava ao público o investimento feito. Dos resultados, não falava. A ideia era apenas exercer autoridade vazia, pretensamente ensinando meios de enriquecimento rápido para garotos desprovidos de qualquer preparo para se dar bem no sistema financeiro. Ele silenciava, fazia qualquer bobagem no home broker, compartilhava tela com os espectadores por segundos, garganteando supostas explicações, e depois deitava falação. Para depois silenciar, gerar expectativas, fingir genialidade, depois falar mais e criar a imagem do sucesso. Era um jogo de imagem. Atrás de um biombo, fica muito fácil aderir à sua imagem isso que os Ancaps gostam de chamar de “anti-fragilidade”. Em certo momento, a

avalanche de surrealismos me prendeu a atenção. Will anunciava algo diferente. Desacelerei, voltei e escutei com atenção. Voltei e escutei de novo. E escutei de novo.

“A partir de hoje, o canal No such thing vai começar a trabalhar com vocês de uma forma nova. Vocês vão passar a investir através do canal. Todos vocês querem enriquecer no mercado e deixar o dinheiro trabalhando por vocês. Querem ter uma vida como a minha? Agora vocês vão poder, porque eu vou aplicar o seu dinheiro nos meus trades e você vai multiplicar o seu dinheiro”.

Ele estava se oferecendo aos meninos como um corretor de valores. Não podia fazer isso, legalmente, mas estava fazendo. E ele foi claro em dizer “a partir de hoje”. O dia em questão era o dia anterior à desordem artificial no mercado de provedores de bens e serviços ligados à saúde. Continuei a ouvir.

“Vocês não sabem como fazer um trade que dá certo. No máximo, acertam na sorte, e a sorte é frágil. Comigo, vocês vão ser realmente anti-frágeis. Eu vou colocar aqui as informações de onde e como vocês vão poder participar do maior trade da vida de vocês. Todo mundo vai ter seu dinheiro multiplicado em pouco tempo, vocês sabem que eu posso prometer isso”.

Ele prometia pegar dinheiro do público, multiplicar na jogatina da finança e devolver, porém tomando uma comissão para si próprio. Uma atividade de corretora de valores, sem tirar nem pôr, porém longe de qualquer regulação pública legal. Eu entenderia que tanto ele como seu público aceitassem isso como normal, pois eram todos crentes na ideia de que a regulação em si é contra o indivíduo, mas que as autoridades fizessem vista grossa para essa prática de corretagem informal mostrava bem a que ponto havíamos chegado como sociedade.

“Isso mesmo que vocês ouviram, amigos. Will Rich will make you rich! Basta que vocês me confiem os seus recursos através dos meios já informados e eu vou transformar vocês em indivíduos ricos. Quem colocar 100, vai ter 200, quem colocar 1.000, vai ter 10.000, e quem colocar 100.000, vai ter 1.000.000. Você que sonha em ser seis dígitos, sete dígitos, oito dígitos, a hora é agora”.

Aquela postura fraudadora que eu sabia que ele tinha e que sabia dissimular, aquela disposição para atropelar limites, aquele bafo materialista

que emanava quando falava de dinheiro, aquelas coisas nele que me faziam sentir náusea, me esvaziaram do meu habitual controle pessoal. As coisas na empresa estavam desorganizadas demais, pessoas batiam na minha porta, ligavam e mandavam mensagens pedindo orientações para dar conta de tantos novos pedidos. E eu com vontade de mandar fechar a linha de produção, depois que soube a razão dessa reviravolta. E sem poder fazer nada nem próximo disso, pois o entusiasmo ingênuo na equipe de vendas era quase comovente —pais de crianças recém-nascidas sonhando com boas comissões inesperadas. Senti minha cabeça doer, e buscava com os olhos uma resposta. Eu já suspeitava que uma conexão particular daquele esquema me tocava, mas não reconhecia racionalmente a suspeita, e nem poderia prever que o modo como aquilo chegava em mim tivesse a ver com algo além da empresa. Eu sentia pressão na cabeça, forte, e fui impulsivo e reativo quando cometi a imprudência de abrir o computador para comentar no vídeo do dia anterior do “No such thing”. Eu nunca havia comentado, para não parecer que eu o continuava seguindo. E foi pela suspeita, muito rapidamente confirmada, que eu comentei. Embora não soubesse ainda que fiz o que fiz em razão de uma suspeita. Na hora eu só sentia asco raivoso.

“Uilian, você se tornou um ladrão sem vergonha. Me arrependo de ter lutado por você. Agora você é um escravo do dinheiro e um perdido, que seduz inocentes a se perder igual você se perdeu. Você é um ralo sujo. Eu sinto pena dessa quantidade de moleques que te segue. Assinado: Santiago Talavera”.

Pois é, assinei com meu nome, instintivamente. Milésimo depois, percebi a besteira feita, e milésimo depois, escolhi deixar a besteira feita. Fosse como fosse, a minha conta na plataforma de vídeos tinha o meu nome real. Uilian saberia que era eu de qualquer maneira.

Aquele foi um dos piores dias que eu já vivi. Teria sido um dia de profunda reorganização na empresa, contatos intensos com fornecedores e ordens positivas à equipe de vendas, com uma conclusão até celebrativa, mas tendo tomado ciência de que nossa indústria estava enredada em um plano de assalto à sociedade cujos resultados seriam medidos em sofrimento e mortes, não havia como. Fui embora mais cedo, inculcado com a nova trama de Will Rich e com ter decidido não apagar o comentário que ele poderia, talvez, ler. Se lesse, ali estava meu nome.

Por isso, quando joguei as chaves da casa no aparador e desabei no sofá, imaginei que fosse Uilian me ligando, e senti mal estar ao cogitar atender. Mas era um número desconhecido. A voz feminina soava conhecida, porém distinta. E dizia meu nome.

“Santiago? Vi que você era você pelo comentário no canal do Uilian. Você talvez lembre de mim, talvez não. Hoje eu trabalho em uma empresa farmacêutica e sei quem você é, mas não tinha ligado o nome à pessoa. Conseguí seu número fuçando a base de dados dos fornecedores. Eu sou a Michelly, tudo bem?”

Demorei a lembrar. Michelly. Ela era a menina a quem Uilian induziu a tomar empréstimo sob regras de agiotagem, quando nós três morávamos em um bairro periférico de um país periférico. Longe demais das capitais, como dizia a música. Teria achado divertido que ela me procurasse tanto tempo depois, mas ela me achou através do comentário em que me expus no território do nosso inimigo comum. Confesso que forçava um pouco a percepção de Uilian como inimigo, pois certamente seria inimigo de Will Rich e do anarco-capitalismo, mas Michelly tinha ainda rancor pessoal contra Uilian. Depois que ele a extorquiu, ela passou por constrangimentos com sua família. Seu pai estava desempregado havia dois anos, por isso ela aceitou o empréstimo agiota de Uilian. Levou o dinheiro para a família, que passava necessidade e não podia negar. Mas logo que desconfiaram da origem daquele dinheiro, pressionaram a confissão de Michelly, eles achavam que ela estava se prostituindo. Ela disse que havia tomado empréstimo, mas não acreditaram. Acabou sendo posta para fora, e pelo menos não pagou Uilian tudo o que lhe devia, já que sua vida foi arrasada e ela teve que recomeçar em outro bairro, sob condições ainda piores. Usou o melhor de que dispunha — um curso de técnico em secretariado e uma amiga com um pequeno apartamento alugado — para se recompor. E então se tornou secretária da divisão de compras de uma empresa farmacêutica, na qual ajudava nas compras que a empresa dela fazia da minha empresa. E nunca deixou de nutrir revolta pelos caminhos que ela considerava injustos na vida, em que um larápio como Uilian havia enriquecido enquanto ela gramava no trabalho diário em busca de dignidade. Por isso, assistia o “No such thing” como alimento do rancor e assim esbarrou no meu nome.

“Santiago? Você não vai falar nada?”

“Sim, Michelly, desculpe. Sou eu, há quanto tempo não nos falamos, por que você me ligou? Hoje meu dia foi muito complicado.”

“Eu sei, muitos pedidos estranhos entrando, não é?”

“Sim, e vocês são parte disso.”

“Você já sabe o porquê dessa movimentação?”

“Sim, fui informado.”

“Mas você sabe o papel que o nosso amigo da internet tem nessa questão?”

Michelly havia me encontrado na lista de fornecedores da empresa onde trabalhava, isso era claro. Mas a razão de ter me procurado era o comentário que tinha visto, assinado com meu nome e sobrenome, contra Uilian. O comentário tinha saído espontaneamente como expressão de uma suspeita indefinida. O contato com Michelly, que tinha razões pessoais para querer ver o fim de Uilian, mas ao mesmo tempo era uma profissional promissora que não se entregaria a voluntarismos, como eu, veio definir e confirmar a suspeita.

“Santiago, a empresa onde eu trabalho é patrocinadora do canal dele. Lá dentro nós conversamos sobre isso, ele virou uma referência. Passou a ser uma peça necessária para esse plano de acabar com a saúde pública. Você não reparou quantos patrocinadores da área de saúde ele tem?”

As dúvidas possíveis se haviam sanado, estava tudo bem claro. Uilian sabia que um projeto para dar fim ao sistema público de saúde ia tramitar em breve. E participava da estratégia. Certamente estava rubricado nos orçamentos interessados como um elemento de marketing institucional, um influenciador aparentemente voluntário, apenas tangencialmente identificado com algo que iria acontecer, em que poucos privilegiados lucrariam fortunas inteiras.

“E o que você sugere que se possa fazer?”, eu perguntei a Michelly.

Ela não tinha visão alguma do que fazer com as informações que ela própria trazia. Concordávamos que havia um escândalo, e que o volume da corrupção corporativa era grande, talvez inédito. Mas tanto ela como secretária, quanto eu como empresário, tínhamos um poder de influência ínfimo. Denunciar Uilian como parte do estratagema seria provavelmente inócuo. Assim, desligamos o telefone e abri uma bebida. A noite avançou, e com ela o álcool, e então a suspeita concluiu seu caminho neural dentro de

mim. Com o cérebro e com todo o resto do meu corpo, eu havia entendido o papel do nosso amigo na internet no plano das empresas contra o sistema público. Era uma participação bem a caráter para um Ancap como ele. Liguei novamente para Michelly.

“Ele começou a fazer corretagem informal de investimentos com dinheiro da audiência do canal. Se ele sabe do plano de derrubar a saúde pública e é mancomunado por via de patrocínios, é claro que o plano dele é um grande trade em cima da saúde privada quando a privatização começar. Ele sabe que o lucro é certo, porque está por dentro do esquema. Além de tudo é inside trader, que canalha...”

Eu ria sardonicamente enquanto explicava com mais detalhes para que Michelly pudesse entender os meandros do que Will Rich planejava fazer. Um ataque especulativo contra a saúde pública, pegando carona na maior sabotagem corporativa já vista na história do país, e com dinheiro alheio. Não me surpreenderia se depois disso ele fosse viver em algum paraíso fiscal no Caribe. Michelly compreendeu. E me cobrou uma linha de ação. Michelly agia com prontidão, como eu. Gosto muito disso.

\*\*\*

Quando desembarcamos em Brasília para falar com Aníbal de Sacramento, alguns dias depois, já no aeroporto era perceptível a presença do lobby da saúde privada. Nós conhecíamos muito deles. Michelly era uma secretária em férias, podia passar despercebida. Já eu era o dono de uma empresa fornecedora de reagentes químicos para diversos dos grandes capitais que estavam lá para fechar acordos vantajosos na repartição da saúde pública. No saguão, fui reconhecido por um deles, que chamou outro.

“Santiago! Que bom te ver aqui, nós vamos jantar com um grupo que está redigindo o projeto, hoje às 22. Conhece o Silva?”

“Prazer, Carlos Alberto Teixeira Silva.”

“Tudo bem, Carlos Alberto? Rapaz, eu vim com outra missão, na próxima quem sabe”, eu respondi ao presidente da associação de farmoquímicos, Simão Olavo Marques de Moraes.

“Santiago, entende uma coisa rapaz. Nós estamos reformatando o Brasil nos próximos dois meses. Quem vier com a gente passa para outro patamar. Pensa nisso, você é jovem, sua empresa tem muito caminho pela

frente. Eu te passo por mensagem o endereço do restaurante. Eu tenho seu contato.”

Agradei, prometendo que ia pensar. Pouco tempo depois, no táxi, recebi de Simão Olavo a mensagem prometida. No áudio, se ouvia a voz do Carlos Alberto Teixeira Silva dizendo a ele que eu precisava ver aquele vídeo. E mandou o vídeo. Era Uilian advogando pelo fim da saúde pública. Michelly viu toda a situação e só mais tarde, no hotel, me contou que Carlos Alberto era o diretor executivo da multinacional farmacêutica onde ela trabalhava. Aparentemente, não a reconheceu no aeroporto. Assim são as grandes multinacionais atualmente instaladas nos países periféricos, alugam gente a baixo custo sem construir nada de grande valor. É provável que ele não soubesse o nome da sua própria secretária, o que dizer de uma secretária do departamento de compras?

No dia seguinte pela manhã, nos encontraríamos com Aníbal, sem muita perspectiva de sucesso e sem um plano definido. O lobby privado estava pisando forte em cima do poder político, a fim de garantir o que poderia ser o negócio do século, “outro patamar”, como disse Simão Olavo. Combinamos de sair para jantar às 21 horas na porta do hotel. Pegamos o táxi e demos o endereço. No caminho, pedi ao motorista que desviasse, pois eu queria ver como estava um lugar. Ele nos levou ao restaurante onde o lobby ia jantar com os políticos. Haviam fechado o restaurante só para eles. Ficamos um instante parados ali, o bastante para Michelly tirar fotos. O clima era completamente festivo, gargalhadas altas, excitação.

Os deputados Guilherme Bastos Condorcet e Aimée de Holanda Albuquerque, reconhecidos Ancaps no parlamento, recebiam um por um na porta do restaurante. Reconhecemos ultraliberais, como Paulo Roberto Almeida Vieira Conde, João Augusto Freitas-Rocha e Maria Vicenza Viola. Entre os representantes das empresas e associações, reconhecemos os dois que havíamos encontrado no aeroporto, mas também o dono da corretora de saúde que Aníbal processou, Luciano Stefano Alves; o filho do dono da maior rede de hospitais privados do país, Elsinho Lucca de Carvalho Salles; o diretor executivo dos laboratórios de diagnóstico mais elitistas do país, Celso Affonso Duprat; a jornalista de economia mais famosa do país, Silvia Atílio Cedrac; o diretor de um banco de investimentos da família Robert Leal. Estes os que eu reconheci de dentro de um carro, tendo passado um minuto diante do restaurante. Mas os blazers e vestidos de seda se contavam



em pelo menos sessenta, a maioria certamente era de empresários e representantes. Estava acontecendo, o Brasil em breve deixaria de ter um sistema de saúde pública universal.

Dei ordem para seguirmos. Na modesta hamburgueria onde comemos, Michelly me disse algo que não sabia.

“Você lembra dos meus pais?”

“Sim, ainda vivem?”

“Graças ao hospital federal Carmelo Cintra. Já fazia quatro anos que meu pai estava desempregado, dirigindo carro de aplicativo. Ganha pouco dinheiro, na maioria das vezes. Tem meses que só empata e às vezes toma prejuízo. Com a gasolina aumentando, e as locadoras de carro cobrando mais, dirigir por aplicativo deixou de ser vantajoso para a maioria, a menos que você rode um carro de luxo num bairro de grã-fino, mas não era o caso dele. Um dia ele tinha dirigido mais de quatorze horas seguidas, e minha mãe ligou querendo ir ao supermercado. Lá eles discutiram por causa de preço, foi feio, se ofenderam. Na volta, parece que brigaram mais no carro, então meu pai entrou na via expressa sem olhar. Um ônibus bateu pelo lado do motorista, o carro não chegou a capotar, mas foi girando até bater em um muro, pelo lado do carona. Acontece que, veja como são as coisas, o muro era do hospital Carmelo Cintra. Demorou menos de dez minutos para receberem os primeiros socorros, felizmente tinha uma ambulância dos bombeiros na porta, e os bombeiros sabem abrir carro amassado. Foram dois meses internados, com várias cirurgias, e a reabilitação. Fiquei até amiga da enfermeira chefe, a Rosa, que até hoje faz visitas para ver como eles ficaram”.

Michelly pediu desculpa por chorar, discretamente. Pedi um outro copo de chá gelado para ela.

“O que vai ser de gente igual meus pais quando esses desgraçados terminarem de nos roubar?”, ela perguntou.

Naquele instante, eu queria ter dito algo que significasse um consolo real, mas não havia. Essa era sua motivação para estar ali. Talvez fosse melhor mantê-la do que anestesiá-la. Então peguei sua mão e a deixei chorar, enquanto planejava o que dizer a Aníbal, na manhã seguinte.

Chegamos ao gabinete de Aníbal logo cedo, passeamos um pouco pelo Congresso Nacional, que Michelly não conhecia. É sempre

interessante visitar Brasília porque nos faz lembrar que um dia o Brasil quis ser de fato um país à altura do que manda sua geografia.

Quando subimos para encontrar nosso deputado, confirmamos que ele sabia das negociações espúrias. Porém, havia uma pressão muito grande para que o assunto não saísse dos bastidores até que se chegasse a um formato de interesse dos distintos atores envolvidos. Quando eles definissem a cara do projeto, ele seria traduzido na linguagem burocrática adequada para deixar margens de interpretação. Assim, os jornalistas comprados poderiam gerar dubiedade na opinião pública, ao mesmo tempo em que começariam uma campanha de supostas denúncias contra a saúde pública. Enquanto isso, Aníbal podia fazer muito pouco, porque um gesto mal pensado contra essa máfia econômico-política poderia lhe significar o fim da carreira de parlamentar e, também, seu fim como advogado. Essa era, em linhas gerais, sua posição quando conversamos naquela manhã na sala principal de seu gabinete.

Mantive o silêncio, por não ter o que dizer. Até que um assessor de comunicação entrou na reunião pedindo que Aníbal abrisse o link que ele acabara de enviar. O link levava a um jornal digital ligado a sindicatos de profissionais de saúde. A manchete chamativa dizia: “Festa plutocrata em Brasília: lobby empresarial quer exterminar saúde pública”. Com seis imagens mostrando a entrada do restaurante onde passamos na noite anterior, a matéria denunciava a existência de um complô para privatização completa dos serviços nacionais de saúde. Aníbal parecia desorientado, sem entender o descuido do lobby com o sigilo de uma negociata potencialmente explosiva. Já eu olhei para o lado e vi o rosto de Michelly iluminado. Sabia que eram as suas fotos tiradas de dentro do táxi na noite anterior.

Os três começamos a rir, algo nervosamente, depois com mais relaxo. Segundo os monitoramentos feitos pelo assessor de comunicação, aquela tinha sido a primeira notícia publicada que levantava suspeita sobre aquilo que nós já sabíamos. Michelly apenas tomou a dianteira. Na conversa, ela admitiu que passou toda informação que tinha para uma conhecida no sindicato de profissionais de saúde. E mandou-lhe as imagens que fez com celular na frente do restaurante.

Em questão de minutos, o corredor do gabinete de Aníbal tinha sido tomado por jornalistas. Em Brasília é assim, eles estão ali para isso. O

gabinete de Aimée de Holanda Albuquerque ficava próximo. Na porta, um assessor da deputada Ancap pedia paciência aos colegas, mas já era uma situação incontrolável. O mesmo deveria estar acontecendo na porta de todos os gabinetes de parlamentares flagrados no jantar, e nos celulares dos empresários identificados. Eram todos gente muito graúda, todos ligados a um único setor. Se não fossem as fotografias de Michelly, seria fácil montar uma operação coordenada de negação. Mas as imagens mostravam a elite empresarial da saúde privada e a elite política ultra-liberal saindo para jantar num restaurante da capital federal que foi todo reservado para o grupo. Nós queríamos que aquele fosse um golpe definitivo nas pretensões do lobby, mas dificilmente seria. Enquanto os jornalistas perseguiram os políticos que apareceram nas fotos, a cúpula empresarial tinha tempo para montar uma versão palatável do que iriam propor, e certamente os políticos então estariam liberados para dar entrevistas e falar no plenário. Aníbal fez a análise mais fina.

“Claro, o problema imediato para eles é a versão que vai ficar. Mas agora, o preço do negócio vai subir. A corrida de compras públicas fraudulentas vai se acelerar, e eles vão exigir pagar ainda menos pelos ativos, depois da aprovação. Sem dúvida vão sentir um abalo para o qual não tinham preparo, mas não vão parar. Vão mudar a estratégia e seguir em frente, cobrando uma taxa pelo trabalho adicional”, ele disse.

Aníbal tinha virado um lobo da política, de verdade. A fim de confirmar sua tese, horas mais tarde liguei para João e Gabriel, meus sócios químicos, e era real. Os pedidos atípicos por reagentes tinham se intensificado ainda mais. Antes do almoço, a suspeita de que haveria uma tentativa de privatizar radicalmente a saúde no país estava espalhada. Em veículos de informação alternativos, lideranças sociais das mais variadas começaram a emitir opinião, todas integralmente contrárias à ideia. A argumentação de todos era, como eu previa, um grande ajuntado de boas intenções e valores humanos tradicionais. Existe um problema grave em argumentações assim. Elas dão por certo que todos compartilham dos mesmos valores; portanto, a defesa do direito universal à saúde vira uma consequência lógica necessária. Assim, em vez de argumentação potente, o que estas pessoas bem intencionadas oferecem se parece mais com um lembrete professoral, uma recordação. Não estão errados, mas não conseguem convencer quem quer estar errado. Esse é o ponto cego de todos

eles. Não entendem que há uma enorme massa de pessoas trabalhando todo dia contra os valores humanos tradicionais que, para muitos, são lógicos e universalmente aceitos.

Em todo caso, era bom que pessoas importantes estivessem falando. Michelly acertou ao vazar a informação da forma como vazou. Pelo menos, serviria para iniciar um processo de pressão popular, que, nos tempos da internet, teve sua importância bem relativizada, mas numa situação como aquela, é melhor tê-la do que não tê-la.

Combinamos de ficar em contato e acompanhar a situação, pensando em próximos passos conforme os fatos novos se apresentassem. Nosso voo de volta era no fim da tarde. Ao chegar no aeroporto de Brasília, notamos um alvoroço logo no saguão principal. Um grupo de pessoas aparentemente indignadas escutava uma mulher que quase gritava ao centro da roda. Era a jornalista Silvia Atílio Cedrac, o maior nome da imprensa de economia na atualidade. Não nos aproximamos para ouvi-la, mas abrimos a internet e buscamos por seu nome. Silvia Atílio havia sido convidada a se demitir da maior organização de mídia do país, onde fez toda sua carreira e se tornou celebridade da indústria da informação. Sua situação ficou insustentável depois de ser flagrada participando de um convescote suspeito entre lobistas e políticos. Não era uma ocasião sobre a qual ela pudesse alegar estar frequentando suas fontes, em busca de informações exclusivas. Assim são as grandes empresas, sempre dispostas a mandar à guilhotina seus cães mais fiéis, se eles dão motivo.

“Santiago?!”, escutei detrás de mim. Assustado, me virei e encontrei Simão Olavo Marques de Moraes, presidente da associação de farmoquímicos.

“Olavo! Como vai? De retorno?”

“Já viu o que aconteceu, eu acredito, foi bom que você não apareceu ontem no jantar. O desgraçado que fotografou a gente quase pôs tudo a perder. Nós passamos o dia hoje consertando a estratégia. Mas alguém tinha que ir para o sacrifício”, disse Simão Olavo, apontando com a cabeça para o tumulto em torno de Silvia Atílio.

“Aquela ali vai deixar de ganhar muito dinheiro, mas o que importa pra nós é que temos um plano B já engatilhado para virar plano A”, ele completou.

“Pode me dizer que plano é esse?”, perguntei.

“Vai ser tudo por um canal de internet. No final, veio para bem. A juventude não liga mais televisão nem lê jornal. E quem financia a saúde privada é quem paga e não usa. Os velhos como eu vão chiar, mas a gente consegue aprovar o projeto se a juventude entender que eles ganham mais do que perdem”.

\*\*\*

O plano B era aprofundar a associação já existente com Will Rich e seu “No such thing”. Já no dia seguinte, os recados necessários lhe chegaram, como vimos pelo vídeo publicado com mentiras a respeito da relação entre impostos e serviços.

“Vejam qual vai ser a linha deles a partir de agora”, escrevi para Michelly e Aníbal no grupo que abri para nos comunicarmos. Na mensagem, mandei o vídeo daquele dia. Ele ia atacar na mais funda paixão ressentida dos Ancaps e similares, o rancor contra a arrecadação de impostos.

“Me responda seriamente, você iria procurar um serviço de saúde pública se pudesse pagar por um atendimento de primeira qualidade? Você pagaria por um atendimento ruim, demorado, precário e ineficiente? Não preferiria ver seu dinheiro bem aplicado em um atendimento de saúde limpo, rápido, confortável? Pois eu tenho uma má notícia para vocês, meus queridos. Vocês já pagam por um atendimento péssimo, sem vergonha, deteriorado e que te deixará morrer! E sabe quanto você paga? Você paga um preço quase igual ao do atendimento decente. Mas você não quer usar o sistema precário pelo qual você paga caro, porque sua vida tem um preço alto. Então o Brasil te obriga a pagar uma segunda vez pela mesma coisa. Vocês estão felizes com isso?”

Em Brasília, o flagrante espalhado pela internet desorganizou os equilíbrios de poder estabelecidos. Sabia-se que o governo era inteiramente favorável ao projeto de extinção da saúde pública, assim como se previa uma maioria razoável para aprovação no Congresso. Já os juízes das cortes superiores dificilmente estariam fora do acordo, de modo que todos estavam se sentindo seguros para ir adiante. Mas o plano sempre dependeu de um certo grau de dissimulação. Ninguém ia querer assumir completamente o que estavam propondo. Então, haviam desenhado uma estratégia de

composição de fragmentos legais ao longo do tempo de tramitação. A cada passo legislativo, o projeto seria deformado na direção de uma privatização plena, porém ao mesmo tempo as cortinas de fumaça seriam levantadas, e a nitidez sobre o tema estaria inteiramente perdida. Assim se aprovam absurdos contra a população, com a maioria de votos dos supostos representantes desta mesma população.

E de um momento para outro, a possibilidade de usar a dissimulação como estratégia acabou. O Brasil deve isso a Michelly. Assim, a reorganização estratégica do lobby passava por um recuo defensivo que, mais tarde, se tornaria um gradual retorno à ofensiva. Enquanto isso, Will Rich faria o trabalho de inflamar parte da sociedade, dando aos políticos o espaço que precisavam para avançar gradualmente de volta à sua posição ultra-liberal e ancapista de defender a privatização total do sistema. Isso estava claro para nós, embora para a sociedade fosse o teatro de sempre. Aimée de Holanda Albuquerque, no dia seguinte à nossa ida a Brasília, subiu ao parlatório e discursou, ofendida.

“Senhor presidente, quero manifestar meu veemente e integral repúdio à interpretação sediciosa feita contra minha pessoa e meu mandato por desconhecidos na noite de ontem em Brasília, quando me reuni com representantes de um dos setores econômicos mais relevantes do nosso país, a fim de ouvir um segmento social que tem o que dizer sobre o futuro dos cuidados com a saúde da população. Jornais digitais irresponsáveis, praticantes de um jornalismo marrom e desonesto, se aproveitaram da circunstância de umas fotografias que nada dizem nem nada permitem concluir, para desonrar a minha figura de parlamentar eleita com 29.445 votos. Senhor presidente, quem terá insinuado que esta deputada federal seria conspiradora contra a saúde da população? Quem terá afirmado uma tal barbaridade, justo contra esta deputada que se notabilizou na juventude por praticar caridade junto ao comércio de sua cidade, e que depois de amadurecida, optou pela criação de oportunidades para os mais pobres e necessitados? É preciso que esta Câmara encontre os culpados por esta ação caluniosa”.

Guilherme Bastos Condorcet também pediu a palavra para se defender. Como Aimée, sua defesa foi parte do recuo estratégico que Will Rich iria cuidar de reverter em avanço.

“Senhor presidente, venho aqui para me solidarizar com minha colega Aimée, e dizer a todos os nobres colegas presentes na sessão que embora seja um ferrenho defensor da iniciativa privada, um lutador pela causa do empreendedor individual moderno e pela liberdade do mercado acima de qualquer injunção de um Estado opressor, nada disso me faria ir contra os legítimos interesses da população em dispor de atendimentos de saúde eficientes e prestimosos. Senhor presidente, Deus quis que me tornasse um político, e disso minha família de médicos muito se orgulha. Mas é uma família de médicos! A medicina é um sacerdócio que eu, ainda sem ser médico, carrego dentro de mim como as plaquetas no meu sangue. O ideal de um sistema de saúde que atenda a todos sem deixar de ter sustentação é o que me mobiliza, e conquanto não haja verdade nas alegações proferidas desde ontem contra mim, assim como contra a deputada Aimée e nossos nobres colegas deputado Paulo Roberto Almeida Vieira Conde, deputado João Augusto Freitas-Rocha e deputada Maria Vicenza Viola, reafirmo nosso integral e permanente compromisso com aquilo que for melhor para a saúde de toda a população”.

Aquele dia transcorreu nesta toada, no Congresso Nacional, e no melhor estilo “imposto é roubo” no agora canal oficial da privatização da saúde pública. Como seria de esperar, após um primeiro barulho com o vazamento do jantar feito por Michelly, o silêncio foi a regra entre os grandes veículos de informação. Assim é a imprensa brasileira, goza de total liberdade para não noticiar, e ai de quem quiser forçá-la a fazer seu trabalho.

Michelly continuava determinada a armar escaramuças contra a iniciativa do lobby privado onde nós dois trabalhávamos. Através do grupo de mensagens, fiquei sabendo que ela estava transmitindo tudo o que descobríamos diretamente para entidades e organizações sociais ligadas à defesa da saúde pública. Sendo este um conceito amplo, os contatos dela eram abrangentes. Chegou a incluir grupos de transsexuais, toxicômanos, operários acidentados, grávidas menores de idade, e muitas organizações comunitárias de favelas e bairros pobres. O público amplo, diversificado e massivo que depende da saúde pública em nosso país. Dezenas de milhões de pessoas. Aos poucos, a rede de informações que ela criou com vazamentos se organizou, e resolveu disputar a posição antes que o lobby empresarial assumisse integralmente suas pretensões.

Convocaram uma primeira onda de protestos em várias cidades, acompanhada de um turno de paralisação nas estruturas públicas de saúde, sendo mantidos apenas atendimentos de emergência. Em Brasília, a manifestação estava razoavelmente grande, mas sofreu ataques de grupelhos de Ancaps organizados. Houve luta corporal em alguns casos sem maior gravidade, mas o encontro representou um choque cultural que foi percebido para além da grande esplanada frente ao Congresso.

Para os sempre bem intencionados defensores da causa pública, houve um abalo moral em perceber a própria existência de um grupo não desprezível de jovens vestidos de preto, carregando bandeiras com a imagem da serpente, muito agressivos e alguns dizendo-se armados, disputando raivosamente contra eles na capital da República. Imagino como devem ter se sentido perdidos ao ouvi-los gritando em coro "no such thing! no such thing!" e outras palavras de ordem que jamais frequentaram manifestações populares no Brasil. Já para estes grupos Ancap, o encontro com uma manifestação tradicional de consciências caudatárias do Iluminismo lhes deve ter significado uma vitória contundente. Pela primeira vez, puderam cuspir na cara do que chamam de socialismo oculto, impondo com seus gritos a ideia da primazia do indivíduo sobre a ideia universalista e humanista que eles consideram uma prova de debilidade e preguiça.

De acordo com Michelly, o saldo deste dia foi muito positivo para o lobby privado. O diretor executivo da farmacêutica em que trabalhava, Carlos Alberto Teixeira Silva, apareceu feliz pelos corredores da empresa dando ordens de compra diretamente a gerentes de terceiro escalão. Orientava abertamente o superfaturamento das notas de venda, e subfaturamento das notas de compra. De acordo com Michelly, ele dava socos nas mesas por onde passava, gritando frases como "agora o jogo começou!" e similares.

Em paralelo, eu voltei a ver diariamente os vídeos de Will Rich. Abastecido com comissões acima do normal, ele passou a publicar mais de um vídeo por dia, todos eles mostrando marcas de empresas do lobby da saúde privada, e já invariavelmente aderido à cruzada pela privatização. Não falava mais de outro assunto, embora sempre achasse brechas para incutir argumentos anarco-capitalistas. E em cada vídeo sobre o assunto, ele convidava o público a somar seus próprios recursos no "trade do século".



Alegava ter juntado mais de um milhão de reais, que dizia estar bem guardado esperando o momento certo.

“Eu não agradeço a confiança de vocês em mim. Sei que vocês sabem que eu só ajo em função de meus próprios interesses. Por isso eu agradeço a confiança de vocês em vocês mesmos. Há dois dias um grupo de heróis anarco-capitalistas enfrentou, em menor número, uma horda socialista que estava ali defendendo privilégios para sua casta social. Eles estavam ali de peito aberto contra a coerção do Estado sobre o indivíduo, em nome das suas liberdades individuais. Eles são os que viverão para ver o Ancapistão tomar conta da Terra, quando nenhum burocrata terá mais nenhum poder de nos tomar dinheiro que produzimos em trocas livres a fim de sustentar indivíduos que não fazem por merecer. Eles verão o domínio final do Mercado sobre a abstração equivocada que é a sociedade. Aqueles que forem eficientes, e transformarem seu preço pessoal em dinheiro, continuam vivos. Os demais, ou mudam ou morrem. E então a autorregulação poderá existir gloriosamente. Eu quero o dinheiro destes heróis multiplicado no trade do século! E você quer estar junto deles na maior operação financeira que o mercado já viu neste país — perdoem usar a palavra país.”

A expressão “trade do século” ganhou a internet brasileira em questão de dias. Todos os canais, páginas e contas em todas as redes que se dedicavam a finanças e enriquecimento pessoal estavam levantando a expressão. Essa é a política contemporânea, um misto de técnicas antiquadas de enganação com um fundo de economia — que sempre será a matéria prima da política — e a velocidade incomparável da chamada viralização. Um termo horrível, mas que cabe bem para uma época horrível.

Do lado dos defensores de um princípio social solidário, as tensões cresceram após o inesperado ataque Ancap na primeira manifestação, que foi seguido de uma grande pressão no ambiente digital. A resposta planejada, que pena, foi a mais previsível e frágil possível. Ou seja, marcaram mais manifestações com as mesmas bandeiras, faixas, carros de som, palavras de ordem, líderes idosos sem credibilidade, jovens artificialmente aguerridos sem credibilidade. Com uma tal receita de fracasso, os atos públicos colheram fracassos. A sociedade ao redor parecia alheia ao problema. Era natural que estivesse mesmo alheia, porque os veículos de informação prosseguiram em silêncio, como se nada daquilo

sequer existisse. Os grupos Ancaps perceberam a fragilidade tática do pessoal bem intencionado, e partiram para o ataque. O que antes havia acontecido em Brasília repetiu-se em diversas cidades. Assim, ficou sinalizado para o mundo político que o momento de retomar o avanço da pauta privatizante tinha chegado, aliás muito antes do que pensavam. Arrisco apontar o sinal mais específico que eles perceberam: foi quando um grupo Ancap conseguiu silenciar uma manifestação bem intencionada aos gritos de “trade do século!, trade do século!”.

Pouco tempo depois, recebemos de Aníbal a informação de que a presidência da Câmara pensava em pautar o projeto para votação. Pedimos uma atualização sobre como ele havia tramitado nas comissões e audiências. Saiu tudo como esperavam os empresários e políticos ultra-liberais. O projeto foi apresentado como uma reforma da estrutura de administração de ativos fixos do sistema de saúde pública. Emendaram-se parágrafos que descentralizavam a função administrativa das unidades, fossem simples postos de saúde ou hospitais de grande porte. Depois, o escopo da reforma cresceu para abranger as compras públicas, impondo rigores inexecutáveis e incompatíveis com as funções administrativas descentralizadas.

Então, houve uma audiência em que montaram um teatro para supostamente dar voz à classe médica, para a qual foi convidada uma entidade que não era o sindicato oficial da categoria. Ali os deputados conseguiram uma declaração de que os médicos aceitavam trabalhar em regime de contrato similar à iniciativa privada. Repetiram o mesmo método com falsas representações de enfermeiros e fisioterapeutas. Depois, extinguíram a obrigatoriedade de gestão de almoxarifado, a fim de facilitar o controle de estoques por empresas terceirizadas, sem referência aos potenciais conflitos de interesse com os fornecedores de insumos. Então, incluíram um artigo sobre gestão predial, que declarava os imóveis de todas as unidades de saúde como ativos independentes da gestão governamental, passíveis de alienação caso fosse de interesse público. Mais adiante, fizeram o mesmo com os ativos móveis, como máquinas de diagnóstico. Por fim, deram flexibilidade à gestão da folha de pessoal, permitindo contratações e demissões descentralizadas por regime similar ao da saúde privada, e prevendo a administração de pagamentos de salário por meio de empresas de aplicativos digitais. Assim, o projeto desfazia todos os laços

jurídicos e institucionais que sustentam um sistema público de saúde, sempre usando os dois pretextos mais ignóbeis para iniciativas assim, que são a flexibilização e a modernização. Eu contei, porque Aníbal me passava as versões atualizadas do projeto. Contei 46 aparições das palavras flexibilização e flexibilizar, e 62 das palavras modernização e modernizar.

Segundo Aníbal, os dispositivos explicitamente privatizantes do sistema entrariam na última hora, e disfarçados, a fim de não gerar obrigações regimentais de rediscussão nas instâncias anteriores ao voto em plenário. E se a presidência já estava pensando em pautar, era lícito pensar que o restante das transformações necessárias já tinha sido objeto de acordo.

Não serviam de nada, durante esse processo legislativo especialmente obscuro, os alertas que lideranças sociais publicavam dentro e fora da internet. Primeiro, porque repetiam a presunção de que os valores humanos que eles consideram universais são, de fato, universais. Não são. E segundo, porque essa presunção compromete a estética da comunicação. Eles são bem intencionados, mas não sabem que a matéria prima da política é a economia, e que por isso sempre há que se vender algo. Sem uma bonita embalagem e uma mensagem atraente, uma ideia política não vinga, por mais essencial e justa que seja. E de mais a mais, Will Rich estava chegando a 10 milhões de inscritos em seu canal. Cada nova publicação alcançava centenas de milhares de pessoas, das quais muitas o estariam vendo pela primeira vez.

Foi no contexto de uma derrota anunciada que chamei Michelly para jantar. Queria apresentar uma ideia perigosa na qual ela teria que participar muito ativamente.

\*\*\*

“Está bom?”

“Sim, mas se você ia gastar tanto, por que fazer em casa em vez de restaurante?”, ela perguntou.

“Pra provar que nem todo economista é pão duro”.

Às vezes, é necessário rir para ocupar o espaço da angústia.

Michelly riu, como eu queria que risse, mas logo o espaço do humor foi ocupado com o assunto que nos unia. Ela estava desanimando. Enxergava já

poucas possibilidades, sentia a impotência que sentem todos os que resolvem assumir conflitos grandes demais. Esse é o momento em que os fracos se entregam, e depois se vendem barato. É bem ruim passar por isso, mas é necessário. Ela não dava sinais de se vender, como não se vendeu. Então, considerei seguro colocar em suas mãos meu improviso final. Era um improviso completo, não havia a mínima certeza de que fosse resultar bem, mas era uma tática que se encaixava bem no que hoje se chama pomposamente “ação contraintuitiva”, e que eu aprendi a chamar simplesmente de chute.

A ideia era usar o trade do século a nosso favor. Já que a comunicação estratégica do lobby empresarial estava funcionando bem a ponto de se aproveitar da situação para reunir uma enorme quantidade de capital, na plena certeza de que o trade daria certo, eu achei que ali estaria a única brecha para um ataque efetivo da nossa parte. Porque, pensemos: naquelas condições de hipervalorização dos ativos privados de saúde, porém com quase nenhuma publicidade sobre o projeto de extermínio da saúde pública, tudo indicaria uma organização prévia dos agentes de mercado — que sempre sabem de tudo — no sentido de comprar todo tipo de ação, opção e fundo que tivesse relação com saúde privada. No dia em que houvesse a privatização — que sequer seria tratada com esse nome —, os ativos comprados se valorizariam tremendamente. Seria a hora da festa plutocrata, da realização dos lucros criminosos.

Will Rich não havia divulgado algo essencial para a compreensão do seu trade do século: a data. E uma quantidade grande de crédulos incautos já lhe havia confiado economias pessoais com base numa promessa de lucro fácil da qual sequer a data se sabia de antemão. Vivemos um tempo de desinteligência coletiva. Apesar disso, aliás por causa disso, o meu palpite era de que o trade do século seria precisamente com a privatização da saúde. Essa seria uma conclusão fácil, para quem dispõe de conhecimentos sobre o funcionamento dessas coisas. Por isso ele não podia colocar data no trade. Dependia do tempo da política. E isso certamente poderia fragilizar a promessa de um trade do século, caso ela começasse a demorar demais.

Não há dúvidas de que Uilian se preocupava com isso, seria impossível que ele ignorasse esse risco específico. O que eu não tinha como afirmar era se o trade do século era algo que ele inventou para tirar vantagem adicional da situação da qual ele participava como um prestador

de serviço; ou se o lobby havia coordenado com ele um ganho para além do pagamento por sua pressão de opinião. E Michelly me poderia ajudar nessa percepção. Naquele jantar, me disse que todos na gerência da empresa acompanhavam o “No such thing”, mas que não ouviu ninguém comentando sobre participar do trade do século. Nem nas empresas do setor com as quais ela dialogava com frequência. Era o que eu pensava.

“Aí está a nossa brecha. Vamos colocá-los pra dentro do trade do século”, eu disse.

“Com que objetivo?”

“Ora, se eles aprovarem o projeto, todos serão multimilionários em pouco tempo, então dá no mesmo se lucrarem mais ainda no trade do Uilian. Mas e se o projeto não for aprovado?”

“Eles perdem o dinheiro deles e as empresas deixam de ganhar um sistema de saúde completo quase de graça”, ela disse.

“Sim, exatamente”.

“E como vamos conseguir meter os executivos no trade do século?”

“Eu te dou um milhão de reais e uma ideia convincente”, eu disse.

“Você vai colocar um milhão do seu bolso pra eles ficarem mais ricos?”

“Sim, mas eles ficam ricos se o projeto for aprovado.”

“E o que você vai fazer para o projeto não ser aprovado?”

“Essa é a parte do improvisado. Digamos que é o meu trade do século pessoal”.

Michelly topou. Naquela noite mesmo desenhamos a estratégia para usar um milhão de reais meus — os dois primeiros anos de empresa me haviam rendido alguma coisa razoavelmente maior do que isso — para iludir o pessoal do lobby. Era um tiro no escuro, poderíamos conseguir uns poucos, muitos ou mesmo todos. Só saberíamos ao tentar. E tentamos.

Me comprometi a fazer dez depósitos de cem mil na conta pessoal dela em questão de alguns dias. Caso o banco dela perguntasse por quê, ela deveria informar meu nome e número. Nos primeiros dias, ela falaria sobre o trade do século com gerentes da sua divisão, mas simultaneamente mandaria mensagens para colegas de outras empresas comentando que havia entrado no negócio proposto pelo canal de Will Rich. A intenção era criar trocas de informação interessada que não passassem diretamente por ela. E assim aconteceu, segundo ela.

O ser humano tem uma relação muito previsível com o dinheiro e a expectativa de riqueza. Michelly disse que muitos estavam sabendo do trade do século e pensavam em entrar, sabiam que as empresas do setor patrocinavam o canal, mas tinham inibição de comentar com colegas, e medo de entrar sozinhos. Quando apareceu uma deles afirmando que estava dentro, detonou-se a adesão que estava represada. O passo seguinte foi alimentar essa corrente de entusiasmo com notícias sobre a tramitação do projeto, que eram factuais e recentes, todas baseadas no que Aníbal nos passava. Depois, demos o golpe mortal. Michelly anunciou a um grupo de pessoas escolhidas que pensava em aplicar no trade do século uma alta soma que havia economizado, mas que para isso queria formar um clube de investimentos. A regra para entrar no clube seria simples: as cotas seriam de cento e cinquenta mil. Era o Clube dos Vencedores, nome que ela criou na hora. O efeito psicológico nas pessoas interessadas foi, como eu pensava, demolidor. Quem não tinha esse dinheiro ficou se rasgando de inveja, e quem tinha se sentiu parte da elite. O resultado da equação foi o que desejávamos. Filtramos a participação conforme queríamos. Nenhum pai ou mãe de família ou jovem em início de carreira arriscou dinheiro naquilo. Só altos executivos e alguns donos de empresas entraram no Clube dos Vencedores. Michelly usava capturas de tela de suas próprias transferências feitas à conta do “No such thing” para convencer os diretores e empresários. Dos que aderiram, todos sentiram o mesmo senso de inferioridade que não os costumava visitar, afinal, se tratava de uma secretária apostando alto na construção da riqueza. Se uma secretária aproveitava a oportunidade naquele nível, não seriam eles a desperdiçar.

Eu monitorei o andamento da nossa ideia através de Uilian. Em todas as suas novas publicações, ele alimentava no público a esperança com o trade do século. Mal começamos a angariar fundos para sua prometida aplicação, seu rosto até se transfigurou. Percebia-se a alegria, o alívio de que agora sim as coisas começavam a dar certo.

“Eu quero dizer a vocês que algo aconteceu. Algo muito positivo. O trade do século talvez seja ainda mais do que apenas um trade. Ele pode ser a maior história de sucesso financeiro feita por um trader em associação com um grupo de indivíduos interessados na história do mundo. Anuncio aqui que, nos últimos dias, o volume de recursos acumulados para realizar o trade do século saiu da casa dos seis dígitos para nada menos que sete

milhões, quatrocentos e cinquenta e dois mil reais! É isso mesmo que vocês escutaram. E você ainda pode se juntar à maior operação de multiplicação de riqueza por um único trader independente. O dia está se aproximando”.

Não me escapou o fato de que ele mencionou uma data, ainda que indefinida, pela primeira vez. Poderia interpretar a menção ao dia do trade tanto como a expressão de um desejo pessoal de Uilian, como a posse de alguma informação privilegiada. Inicialmente, achei que fosse expressão de desejo. Pouco tempo depois, Aníbal me ligou e pensei se não era posse de informação. O projeto estava a ponto de entrar em pauta no Congresso Nacional.

\*\*\*

Na política, é frequentemente possível dizer quando um processo se conclui, mas raramente se consegue apontar com exatidão quando um processo se inicia. Para mim, o elemento detonador da votação do projeto que em termos práticos privatizava a saúde pública do Brasil, apareceu na televisão duas semanas antes. Foi quando Silvia Atílio Cedrac, a jornalista, reapareceu em uma nova emissora. Sua reestreia na vida midiática nacional foi com estrépito. Todos os veículos de informação da sua nova empresa se engajaram na campanha publicitária que levantava seu nome, como marca que simbolizava credibilidade e precisão na informação sobre economia.

Silvia Atílio estreou no início daquela semana com o que se anunciava como um grande e importante trabalho jornalístico, uma informação exclusiva, algo que quando fosse conhecido pela sociedade teria um efeito profundo nas opiniões do público e na tomada de decisões dos centros de poder. Assisti sua reestreia, que tomou toda a edição do telejornal matutino da segunda maior emissora do país, para me dar a chance de ser surpreendido. Ela tinha toda informação de que precisava para denunciar o complô e confirmar o que todas as entidades de classe, sindicatos da saúde e veículos de informação alternativos vinham acusando há meses, sem qualquer ressonância na imprensa. Em cinco minutos, qualquer esperança ingênua desapareceu.

Silvia Atílio desfiou uma longa e tediosa peça de ficção a respeito de corrupção na gestão da saúde pública. Um gestor municipal do interior teria sido gravado numa ligação com um fornecedor de seringas, forjaram-

se notas fiscais superfaturadas a fim de destacar as partes comprometedoras, acusou-se sem provas um secretário estadual que há décadas era reconhecidamente corrupto, armaram um flagrante de dinheiro supostamente roubado em um apartamento na capital estadual, compararam as malas onde o dinheiro foi achado com as malas vistas com um empresário médio do setor de plásticos em um aeroporto, as imagens de câmera de segurança foram estudadas em detalhe ao vivo para comprovar que eram as mesmas malas, acharam e mostraram contratos daquela empresa de plásticos com fabricantes de seringas, e finalmente forjaram uma associação entre a empresa e contratos de fornecimento de material plástico para o sistema de saúde de todo o país.

Parecia um desfile de carnaval mal executado, um ajuntamento de elementos esteticamente comprometedores que não guardavam qualquer relação de causa e efeito entre si. Mas no Brasil, uma colagem criativa de fatos desconexos é o bastante para causar sensação, e abrir caminho para decisões das mais escabrosas. Silvia Atílio sabia disso, e praticou o arremedo de jornalismo que sabia praticar, certamente porque refez o acordo que antes foi rompido com o lobby. Desta forma, a sociedade estaria massivamente preparada para interpretar como correção de rumos o maior caso de corrupção privada que a história já testemunhou.

A nova emissora de Silvia Atílio teve sucesso em dar repercussão à sua narrativa de corrupção no sistema público de saúde. Ao contrário de tudo que se tentou denunciar contra o projeto de lei privatizante do sistema e a corrupção privada que havia por detrás, agora todos os microfones e câmeras eram abertos, acusatórios, repetitivos. A maior jornalista de economia do país voltava à cena gloriosamente, mentindo como sempre e ganhando mais do que nunca.

Sua utilidade foi amplamente comprovada quando, duas semanas depois, o presidente da Câmara dos Deputados pôs o projeto na ordem do dia para votação.

“A reforma do sistema de saúde nacional é uma necessidade premente e imperiosa, pois o país não pode mais suportar a leniência com que a administração centralizada de tão importante serviço à sociedade gerencia seus bens, seus contratos e suas decisões. Desde já eu proponho que, informalmente, o projeto que ora colocamos em debate para início de



processo de votação venha a ser conhecido no futuro como Lei Silvia Atílio”.

Isso comprovou minha percepção de que a parte final daquele processo de assalto à sociedade havia mesmo começado com a reintegração da jornalista ao plano. Da publicação de sua falsa denúncia até a chegada do projeto ao plenário para votação, passaram-se duas semanas. Neste período, fui forçado a acelerar o meu improviso, sempre mantendo a consciência de que poderia não servir de absolutamente nada. Por isso, assim que vi Silvia Atílio de volta à televisão, me comuniquei com Aníbal.

“Eu preciso que você me entregue com antecedência, Santiago! Uma cartada dessas é difícil, preciso ensaiar”, ele me dizia.

“Te prometo antecedência de três dias, se entregar antes, as coisas podem mudar e aí perde o sentido.”

Tirei férias da empresa para me dedicar exclusivamente ao tema. Isso implicava um certo volume de trabalho físico, além de mental. Foi preciso acompanhar a evolução da narrativa do “No such thing” ao longo daquelas duas semanas, além de manter um olho nas ficções apresentadas por Silvia Atílio, e também monitorar meus muitos contatos no lobby empresarial, sem perder de vista a operação de concentração de recursos pessoais dos diretores e empresários no clube de investimentos montado por Michelly.

Will Rich veio num crescendo de expectativas ansiosas, como era de se prever. Dando como certa a aprovação do projeto no parlamento, ele passou a deixar muitos fios soltos no que dizia. A partir de um certo momento, ficou perfeitamente claro, como não havia ficado ainda, que o trade do século era mesmo em cima da privatização do sistema de saúde. E o fundo de investimento ilegal que ele montou sem ser incomodado por qualquer autoridade pública já acumulava, segundo ele mesmo, mais de dez milhões.

A operação dupla de Michelly — armando uma teia de investidores com os plutocratas da saúde privada sem deixar de alimentar as ações de resistência com informações — havia mudado por completo seu perfil. Agora ela era vista na empresa como uma jovem ambiciosa cuja opinião valia muito, e era convidada a sentar à mesa com gente graúda. O problema é que, se nosso plano desse certo, o inferno se abriria embaixo dela. Mas para essa eventualidade, já havíamos combinado a solução. Ela tinha uma

vaga garantida na minha empresa, com um salário muito mais do que confortável.

Nas ruas, o alvoroço continuava, deixando na sociedade circundante uma impressão ainda mais funda de transe político. Milhares de pessoas iam a manifestações políticas em defesa de algo que a todos os demais parecia estar livre de ameaças. Porém, eram crescentemente atacados por uma nova força social e política muito agressiva e violenta, os jovens cujas palavras de ordem eram ainda menos inteligíveis. Era o primeiro grupo político que ia às ruas gritar suas reivindicações em inglês, e que não se considerava um coletivo. E nada do que acontecia nestes embates de rua ganhava páginas ou minutos em jornais ou revistas de qualquer meio de informação. Uma combinação de barulho e silêncio forma o ambiente certo para ocultar mudanças que ninguém aceitaria caso houvesse um debate social honesto.

Nesse contexto de tensão, coordenei minhas melhores habilidades na arte do improviso que, quem sabe, pudesse determinar um outro desfecho para a história. Ou, crua e simplesmente, resultar em nada. Revi os primeiros vídeos de Uilian em que ele defendia a inexistência da saúde pública como um fator de evidência do alto valor da vida humana, uma ideia que parece fácil de desmontar, mas não se entramos no paradigma conceitual do Ancap.

O Ancap vê no indivíduo o centro do direito e do valor, a partir de onde se irradiam as relações que compõem o mundo. Se o indivíduo se define como um limite existencial concreto — o seu corpo e de mais ninguém, a sua mente e de mais ninguém —, a mediação de suas relações com o mundo será fundada no ferramental de seu corpo e sua mente. O uso prático deste ferramental será, portanto, a sua medida individual de direito e valor. O que significa que a cada um corresponde conforme sua capacidade de produzir resultados úteis através do uso de seu ferramental individual.

Em síntese, se o mundo é uma quantidade de indivíduos em relações de direito e valor mediadas pelo resultado utilitário do ferramental de cada qual, a consequência lógica é que toda expressão prática do indivíduo é uma mercadoria dotada de preço, e que se não houver trocas voluntárias em mercados livres, os preços se distorcem e o indivíduo sucumbe perante o Estado, que para o Ancap é o substituto ilegítimo do mercado. Ao extrapolar essa linha de pensamento para o valor intrínseco da vida humana,

pode-se encontrar a ideia de que a fonte de toda mercadoria é a mercadoria mais valiosa que há; porém, se um Estado impede a liberdade de troca da mercadoria mais valiosa que há, então os preços mais valiosos estão distorcidos, resultando que a vida humana perde valor por estar fora de um mercado.

Decorre, necessariamente, uma equivalência entre o valor da vida e o valor da morte. Se o valor da vida humana depende de um mercado de vidas, o mesmo mercado que define máximo preço à vida também define, por oposição, a gratuidade da morte. Pois o mesmo dinheiro que salvará alguém quando se fizer presente, matará outro quando estiver ausente. No pensamento Ancap, a vida é o preço mais caro dentre todas as mercadorias de todos os mercados, mas não havendo dinheiro disponível para sua preservação, a morte vem de graça. E se o que diferencia vida e morte é a disponibilidade de dinheiro para fazer valer o alto preço da vida, então a vida em si e a morte em si são equivalentes. O único elemento capaz de determiná-las é externo e superior a ambas, apenas pendulando ora para uma, ora para outra, num jogo permanente de presença ou ausência.

Porém, há uma pergunta evidente que não está feita: e o medo da morte, onde entra nessa equação? Fui à adega e abri a mais cara garrafa de vinho que guardava em casa. Brindei sozinho ao argumento do discurso de Aníbal de Sacramento.

\*\*\*

Por fim, chegou o dia do trade do século. Já não deveria surpreender ninguém, mas vale o registro de que ele marcou a ida ao mercado com mais de dez milhões de reais seus e de outros para o dia da votação do projeto. Aníbal já tinha em suas mãos o discurso que faria na votação. Confiava em sua habilidade política e parlamentar para ser um dos últimos a falar antes do momento do voto. Seria certamente uma votação secreta, em que só o resultado aparece publicamente, o que deixa para todos uma margem conveniente para mais tarde negar que votou a favor.

“Santiago, isso aqui é uma maluquice. Não vai dar certo”, ele me disse quando leu o discurso que escrevi.

“Pode ser. A derrota nós já temos, mas se der certo, você entra para a história”.

E assim ele se comprometeu comigo de usar o discurso. Quando começassem os debates no plenário, Will Rich já teria feito a mais popular de suas transmissões ao vivo. Certamente, milhões acompanhariam suas opções de mercado com curiosidade e, no caso de muitos, com interesse financeiro direto. A rotina de debates parlamentares, contudo, seria muito mais extensa do que o período de funcionamento do mercado. Will e seus sócios de ocasião no trade do século tinham ciência disso, mas a certeza de sucesso garantia que na abertura do dia seguinte a valorização dos ativos aplicados seria triunfalmente significativa. E assim se abriram ambas as coisas, primeiro a operação do mercado, e muitas horas depois a sessão de votação. Na mídia econômica, aquele era um dia sem notícias relevantes, pois o movimento de reserva de recursos em posição compradora de ativos ligados à saúde privada era propositalmente despercebido. Um Ancap de internet fazia parte disso ao vivo, e diante de milhões de pessoas, e eles escolheram ignorar. E ignoraram.

Os debates parlamentares começaram à tarde, como é usual, poucas horas antes do fechamento do mercado. Acompanhando ao vivo no “No such thing”, vi que Uilian tinha um monitor ao lado para o qual olhava de quando em quando. As primeiras horas de debate não lhe assustaram em nada, porque os afoitos políticos de partidos de esquerda tomaram a dianteira na inscrição para discursar. Eram ouvidos apenas pelos seus partidos, ignorados pelo grande bloco liberal e todos os matizes da direita, e motivo de piada nos corredores.

“Senhor presidente, mais um grave atentado contra os direitos básicos e fundamentais de cidadania se perpetra hoje nesta casa. O que se esconde por trás do infame projeto de lei que vossa excelência pautou é a extinção da nossa histórica rede de saúde pública, que embora tenha muitos defeitos e muito a melhorar, garante ao tecido social a certeza de uma oferta permanente de serviços essenciais para a manutenção da integridade física, mental e da própria vida do trabalhador”, discursou o deputado João Mário Julião, ex-sindicalista.

Em seguida, a jovem Márcia Des Lindes, expoente do mundo universitário que se alçou à política na defesa de uma reforma educacional que incluía línguas indígenas no currículo infantil, subiu ao púlpito com impostação vocal de alta frequência.

“Senhor presidente, hoje é um dia de extrema vergonha e preocupação para o Brasil! Eu quero lembrar a todos os colegas que o voto de hoje constará em suas biografias até o fim da vida, e a memória da traição lhes perseguirá sem dó. Uma agressão direta contra o sistema público de saúde é uma agressão direta à vida do povo mais pobre. Recentemente, nasceu a sexta filha da Sidicleide, a auxiliar doméstica que está com a nossa família desde quando eu era pequena. Ela nasceu em maternidade pública, assim como todos os outros cinco filhos. Eu quero saber o que seria da sexta filha da Sidicleide se não tivesse maternidade pública!”, e concluiu cheia de lágrimas nos olhos, talvez ciente da ineficácia completa de sua oratória.

Márcia Des Lindes foi sucedida por Maria Horta Nascimento, experiente quadro político ligada a todo tipo de movimento social e causas temáticas como direito à moradia, a terra, a água.

“Todos sabemos o que vem aí. Não se trata de emocionalismos baratos ou histeria. Sabemos o que vem aí. Os donos do capital querem acumular em cima do risco total à saúde da população. Essa descentralização, como vossas senhorias a chamam, essa flexibilização, modernização ou o que diabos de nome queiram dar, não passa de uma pulverização do sistema em uma miríade de empresas privadas. No início, haverá uma aparência de que todas estão concorrendo pelo mesmo consumidor, e alguns prometerão preços baixos, mas nós conhecemos este país, sabemos que são os mesmos e pouquíssimos grupos que controlarão essa enorme quantidade de empresas aparentemente distintas. Os cartéis já estão organizados. Bastará um mês após o dia de hoje para que já nem um parto ou uma cirurgia possa acontecer neste país sem um desembolso significativo de dinheiro. Hoje, sinto enorme vergonha de estar aqui, enorme vergonha de ter nascido no Brasil.”

Maria Horta Nascimento discursou com a veemência que sempre lhe foi particular, porém com as tradicionais hipérboles e preciosismos linguísticos que agregam muita estética, mas sacam toda energia de um discurso. Como regra geral, os parlamentares das esquerdas mantiveram a tônica racional da defesa do direito, um após o outro, numa sequência de discursos inócuos que serviam apenas para dar vazão a essa mania sem sentido que se chama “marcar posição”. A fragilidade de seus argumentos, por corretos que fossem, ficou demonstrada pela simplicidade eficaz do

discurso favorável ao projeto. A exemplo do discurso de Paulo Roberto Almeida Vieira Conde:

“Senhor presidente, são compreensíveis os ataques dos colegas da esquerda ao projeto ora apreciado, visto que são em geral pessoas muito bem intencionadas que veem o risco sempre muito maior do que as oportunidades. A descentralização da saúde como agora se propõe não tem nada a ver com privatização. Se trata de abrir oportunidades de ganho de eficiência operacional por meio da justa vantagem econômica por um serviço prestado com qualidade, com carinho, com esmero. Nós estamos formando um novo setor de saúde no Brasil, mais dinâmico, mais aberto, mais flexível. Será um setor de saúde capaz de atender melhor a todos, porque a balança não estará mais desequilibrada. Hoje, a ineficiência da alocação de recursos nos entrega o caos, onde só os privilegiados de sempre são bem atendidos. Façamos justiça! Vamos alocar bem os recursos e gerar eficiência para todos, descentralizando o atendimento, gerando oportunidades para novos prestadores, para os profissionais e para o povo. A nova saúde é a saúde do futuro, é digital, é dinâmica, é fácil e rápida”.

Vieira Conde foi interrompido diversas vezes por gritos de “crápula, canalha!”. Deputados da oposição lembravam aos berros que ele era sócio de clínicas privadas, que estava legislando em causa própria. Mas não se incomodou, sabia que ali estavam representando um teatro político, uma formalidade necessária para confirmar o que já estava decidido. Em seguida foi a vez de Maria Vicenza Viola:

“Eu pergunto, senhor presidente, aos nobres colega da esquerda, onde eles levam seus filhos doentes quando precisam de atendimento. Levam aos eficientes hospitais privados ou encaram a fila das unidades públicas? Todos sabem onde está a eficiência no atendimento de saúde deste país. O atual modelo já se provou fracassado, não tem mais um dia de contribuição a dar. Nós estamos aqui hoje abrindo essa caixa preta. E o que vai sair dela é muita sujeira e corrupção, como vem mostrando bravamente a grande jornalista Silvia Atílio, mas depois vem o momento do saneamento, que só as alocações eficientes de recursos econômicos podem promover. Geremos empregos, geremos oportunidades, façamos agora uma nova saúde para um novo país. Obrigado, senhor presidente.”

A diferença de qualidade retórica, no poder de convencimento e na estética eram ridiculamente favoráveis à privatização. Reproduzia-se no

plenário do Congresso a mesma inversão de jogo vista nas ruas, quando as contra-manifestações Ancap acabaram por silenciar os atos pela saúde pública. A ideia de um acordo social solidário havia saído de moda, e o que vigorava na consciência dominante era o ganhar dinheiro. Isso se expressava na frente do parlamento, onde concentrações populares que não chegavam a ser grandes se hostilizavam. Não havia cobertura ao vivo de nada disso em grandes canais de televisão, tudo o que vimos foi por meio da fragmentação da internet, além dos canais públicos de televisão vinculados ao poder legislativo.

Enquanto se sucediam os discursos, a diminuta bancada Ancap sequer se dava o trabalho de disputar posição ou votos. A câmera da transmissão ao vivo do canal legislativo flagrou alguns deles expressando-se felizes em animadas conversas. Tinham razão para isso, aquele seria o primeiro projeto quase inteiramente representativo do ideal Ancap aprovado no país. Reconheci Simão Olavo nas galerias superiores, acompanhado de vários de seus amigos do lobby setorial. Rolhas caríssimas espocariam durante a longa noite dos vitoriosos. Investimentos imobiliários em Miami e grandes capitais europeias já estariam alinhavados. Contas especiais em ilhas caribenhas estariam já organizadas.

Suponho que a esperança adicional interposta por Michelly e seu Clube dos Vencedores trouxesse ainda maior volúpia ao momento. As mentes deviam estar lubrificadas na fantasia prazerosa do enriquecimento volumoso e súbito, um arrepio excitado que estaria eletricamente sensível no ar daquela noite de adultério social. Passava já das onze da noite quando os últimos inscritos fizeram uso da palavra. O presidente da Câmara vinha dando sinais de impaciência, apressando os deputados a concluir seus discursos. Anunciou então que a matéria ia a votação após a fala do último deputado inscrito.

“Com a palavra, o deputado Aníbal de Sacramento”.

E então, ele usou o discurso:

“Senhor presidente, nobres colegas deputados, muito foi dito e argumentado aqui a respeito de direitos e recursos. Os recursos que sempre se diz que são escassos precisariam ser mais bem alocados para garantir direitos, já que supostamente não há direito se o recurso para que se o atenda não se encontra disponível. Entretanto, vejo nesse debate uma falsa dicotomia. O que hoje estamos discutindo não é um tema administrativo, ou

sequer econômico, e menos ainda um tema de direito social. O que hoje decidimos é sobre o que este país entende que vale uma vida e o que vale uma morte. Por isso, eu quero discursar ao final desta sessão sobre um tema que nos afeta a todos indistintamente: o medo da morte.”

Naquele momento, eletricamente sentiu-se um movimento inesperado naquele plenário. Eu de alguma forma o senti também. Talvez pelos olhos de Aníbal, que ficaram mais contundentes após o primeiro parágrafo. E então prosseguiu:

“Hoje estamos decidindo criar um mercado livre de preservação da vida e das condições de vida. Sob o pretexto de uma ótima alocação de recursos. Pois bem, eu digo que faz sentido. A vida humana é o bem mais caro que há para cada um de nós, que dispomos de apenas uma e única vida. O recurso escasso por excelência, isso é o que são as nossas vidas. Em consequência, eu poderia concordar que um sistema que permita a gestão desta escassez no sentido de evitar seu principal fator de regulação, que é a morte, distorce o valor do bem mais caro que há. Argumentar-se-ia que a mais preciosa das coisas fica barateada, por excesso de oferta, porém seria um argumento impreciso dado que, hoje, não se trata de um excesso de oferta porque não há um mercado livre de preservação da vida e das condições de vida. Se não há mercado, logicamente não há excesso de oferta, pois sequer há oferta e demanda. Este é o espírito da lei que estamos prestes a aprovar: estamos decidindo criar um mercado livre para a manutenção da vida e das condições de vida. Então, vossas excelências me perguntarão se o considero um bom projeto, digno de meu voto. E tenho que redarguir-lhes que em todo o processo de tramitação, desconsideramos por completo um dado essencial: o medo da morte.

“Claro está que a vida é o bem mais caro que há, mas se assim é, então aquilo que é sua consequência obrigatória e conclusão natural e certa, determinada pelas leis maiores, tem que ter igual valor. A morte não pode ser barateada! A morte tem tanto valor quanto a vida. Se assim não fosse, por que temê-la-íamos tanto como tememos? Acontece que o projeto em discussão ignora este dado essencial ao equivaler uma coisa com a outra, a vida com a morte. A partir do momento em que o projeto cria um mercado regulador da manutenção da vida, a etiqueta de alto preço de um vivente passa a ser a liquidação a preço vil de um moribundo, pois o mesmo dinheiro que será o único regulador da condição de vida será, igualmente,



aquele que por efeito de sua ausência, deixará a morte vir de graça. Em sentido estritamente financeiro, vida e morte terão valores opostos. Porém, ao terem sua diferença reduzida a existir ou não dinheiro que a sustente, vida e morte se tornam o mesmo. Porque a vida do indivíduo passa a ser definida por tudo e qualquer coisa, exceto por ele mesmo. Assim sendo, em vez de regular a oferta de vidas individuais no sentido de fazer jus ao valor do bem escasso, o projeto é contraditório porque zera o valor do mesmo bem na hora em que ele chega ao fim, esvaziando a individualidade do vivente que morre. Ou seja, o projeto que pretende criar um mercado livre de vidas cria, também, um socialismo de mortes. E o fim de uma vida é seu momento de maior escassez. É, portanto, o seu momento de máximo valor. Por isso temos sobre este momento o terror que é o reverso do desejo. A oposição radical entre o desejo de viver e o pânico de morrer não pode, quando traduzida economicamente, tornar-se um desequilíbrio em que apenas o desejo tem valor. Não, nobres colegas, deixemos a morte conservar seu máximo valor como momento de maior escassez da vida. Como está este projeto, a escassez da vida chega a seu máximo momento para encontrar apenas o desvalor, a liquidação, a bagatela, a gratuidade. Obrigado, senhor presidente, peço aos colegas que rejeitem a matéria e que seja arquivada.”

Quando Aníbal tirou os olhos do papel em que leu o discurso que fiz para ele, viu o plenário em catatonia. Todos o miravam de maneira diferente, talvez divinamente, talvez assombrosamente, certamente de maneira não natural. Um silêncio que não era total, mas um silêncio particular de espera, de atenção, foi dominante até que o presidente da Câmara o cortou anunciando o início da votação. Os movimentos corporais em direção às mesas de votação estavam já diferentes. Os passos se arrastavam, ou flutuavam, ou não se davam. Pode ter havido abstenções por efeito de estagnação física. Nenhum deles conhecia aquele nível do teatro político, o nível acima do real ordinário, o desconhecido. E, afinal, o histórico.

Foram minutos lentos e espessos, de grandes apagamentos mentais, que eram visíveis para mim. Eu senti o resultado antes que o presidente o proclamasse. O projeto havia sido derrotado por uma diferença de três votos e foi enviado para arquivamento.

\*\*\*

Havia sido um dia longo, depois de semanas longas, e eu desabei. Acordei no dia seguinte com muitas chamadas perdidas no meu telefone. Pouco a pouco, falei com cada um. Aníbal, Michelly, meus sócios químicos e poucos amigos mais com quem dividi a experiência de sabotar um plano de cartelização privada de um serviço essencial. Mas o que eu tinha mais ansiedade por ver era as curvas de desvalorização de ativos ligados à área de saúde privada. Quando o mercado abriu, aconteceu o que eu previa. Uma queda vertiginosa em todas as ações de hospitais e clínicas privados, seguradoras, farmacêuticas, farmoquímicas, fabricantes de insumos hospitalares, fabricantes de instrumentos cirúrgicos e tudo mais. A bolsa determinou o circuit breaker — que é um mecanismo de proteção para evitar quedas mais acentuadas — trinta minutos depois de abrir. Quando reabriu, não passaram dez minutos e veio outro circuit breaker. Michelly nem tinha ido trabalhar, possivelmente seria agredida. Era claro que perderia aquele emprego, mas estava guarneçada.

Não assim com Uilian, pois o trade do século acabava de se revelar um imenso fiasco. E uma quantidade expressiva de cidadãos tinha toda razão de querer vê-lo morto ou preso. Fui ao “No such thing” fazer averiguação. Não havia vídeo novo nem transmissão ao vivo. Abrindo os vídeos anteriores, novos comentários se avolumavam, invariavelmente chamando Will Rich de ladrão, picareta, fraudador...

Nas Ciências Econômicas, há um debate relativamente intenso e muito antigo, a respeito da natureza da disciplina. O pessoal que acredita em equilíbrio geral e prevalência das forças de mercado gosta de afirmar que a Economia é uma ciência exata, pois pode ser modelada matematicamente. Já o pessoal que percebe os fatos econômicos como parte de uma dinâmica conectada com as variáveis imprevisíveis da história e da política gosta de afirmar que a Economia é uma ciência social. Já eu acho que a Economia é uma espécie de pêndulo de compensação, uma força que contém sua própria contraforça exercida durante o seu longo movimento, seja para um lado ou o outro. Essa contraforça não é nem exata, nem social. É discursiva, como meu experimento com Aníbal demonstrou.

A Economia é uma ciência discursiva.

## Fluxo circular

Pedi Michelly em casamento no dia em que foi instaurado inquérito policial contra Uilian Alves Barbosa, vulgo Will Rich, por crimes de estelionato e fraude virtual. O grupo de reclamantes era tão numeroso — alguns deles sendo pessoas importantes — que rapidamente as autoridades providenciaram o bloqueio de todas as contas onde entraram os depósitos para o trade do século. Uilian não tinha apagado nenhum vídeo de seu canal antes de desaparecer. Provavelmente entrou em pânico com o fiasco financeiro e a onda insuportável de acusações que começou naquele dia de manhã. Agora, o “No such thing” servia mais como um robusto conjunto probatório para a Justiça do que como um instrumento de negação da vida em sociedade.

Quase sempre, a Economia carrega de forma imperfeita alguma metáfora da vida. No fundo, é por isso que eu amo a Economia e por isso que ela não pode ser restringida aos interesses individuais dos agentes econômicos. Se me fosse dada a chance, eu não responderia a frase de Margaret Thatcher dizendo que “there is no such thing as individuals”, porque existem. Nós somos indivíduos, mas nossas vidas individuais são vidas sociais, tanto quanto a vida social é o conjunto de vidas individuais. Uma das metáforas imperfeitas que mais me tocam é a do fluxo circular da renda. A esquematização das idas e vindas entre fatores de produção, empresas, trabalho, consumo de bens e serviços, dinheiro, serve como um espelho do movimento pendular e recorrente que é normal da própria existência.

A oscilação permanente que se depreende dos gráficos de fluxo circular da renda, no mais das vezes, é ignorada. A opção conceitual pela escassez como princípio, atualmente hegemônica, nos fez cegos à abundância. Como ensina o fluxo circular, o mesmo sistema que gerencia escassez só existe porque, dela, extrai abundância. Consumida, a abundância se torna escassez, o que reinicia o ciclo, e assim novamente, e sempre.

Se houvesse consciência disto entre a maioria dos economistas, governantes e agentes econômicos, o mundo seria diferente. Não sei como

seria, creio que seria melhor, só o que posso dizer é que pensamentos tenebrosos como o anarco-capitalismo não existiriam.

Rotinas são uma condição para o funcionamento da economia, pois sem rotina o ciclo se quebra e os prejuízos começam. Nossa vida estava devolvida à rotina, embora agora fosse uma nova, e isso era bom. O escândalo do trade do século arrastou muito mais pessoas do que apenas Uilian. Os computadores apreendidos revelaram longas e numerosas mensagens e transações bancárias entre ele e representantes da elite da saúde privada nacional. Várias empresas foram postas sob investigação, e até onde acompanhamos houve algumas prisões.

No entanto sabíamos que as prisões de executivos seriam revertidas e muito provavelmente a cumplicidade comprovada no estelionato seria insuficiente para fechar empresas. A divisão da polícia que se especializa em crimes virtuais deve ter tido um trabalho sem fim para chamar um por um dos milhares de depositantes do trade do século, que com razão exigiam seu dinheiro de volta. Aquele dinheiro que haviam dado a Uilian não existia mais, virou poeira quando os gráficos dos ativos desabaram em resposta ao arquivamento da privatização. E no Brasil, seria além de qualquer possibilidade a ideia de mandar que corretoras financeiras e bancos pagassem as vítimas de um crime do qual eles foram apenas intermediários. Até onde soube, os recursos para pagamento de indenizações vieram todos das contas pessoais de Uilian, que foram bloqueadas judicialmente. O emaranhado de acusações era difícil de desatar. O processo que um grupo de executivos abriu contra Michelly é exemplo disso. Acusaram-na de cumplicidade por induzir pessoas de boa fé a participar em fraude financeira. Contratei a peso de ouro um escritório de advocacia que não só vai absolvê-la como vai limpar a vácuo alguns dos mais gordurosos cofres do país. E depois que isso acontecer, os mesmos advogados abrirão processos penais por calúnia e por cumplicidade em estelionato. Ou eles acharam que não guardamos provas e mais provas? Talvez nem precisemos fazer isso, porque em algum momento os computadores de Uilian serão vasculhados e está tudo lá.

Então, com a vida devolvida à saudável rotina, estamos nos casando amanhã. Será discreto e simples, com poucos convidados. Um deles será o senhor José, pai de Uilian. Ele nos confirma presença, nos deseja felicidades, mas seu rosto não esconde a lamentação de perder o filho.

“Então, ele desapareceu mesmo?”, eu pergunto a José.

“Sim, naquele dia logo cedo, ele começou a bater nas coisas, saiu do quarto gritando e chutando as cadeiras, o sofá, derrubou minha televisão. Eu ainda estava em casa esperando aparecer clientes no aplicativo. Aqui onde eu moro pouca gente usa motorista de aplicativo, e não me compensa mais sair para um bairro rico e esperar os clientes”.

“Então Uilian não deu nada para o senhor mesmo?”, perguntou Michelly.

“Nada filha, tudo que dizem que ele ganhou, se ganhou mesmo, eu nunca vi.”

“O senhor acha que ele fugiu do país?”

“Não! Ele não tem passaporte. Ele não sabe nada da vida, Santiago. Largou a faculdade e se prendeu naquele quarto fazendo essas coisas que falaram. Eu não entendo, nunca entendi. Para mim, o meu filho era um doente e eu não tinha como cuidar dele, mas todo mundo diz que ele é um ladrão”.

Deixamos com José o convite, desejamos sorte e nos prontificamos a ajudá-lo no que precisar. Sugiro a Michelly que cancele a visita que faríamos agora a sua mãe, podemos ir lá mais tarde. Sinto que José sabe onde está Uilian. Então vamos ficar estacionados aqui até que ele saia. José não está mesmo trabalhando. Eu peço uma corrida no aplicativo de motoristas, ele não aparece. Cancelo, peço outra, ele não aparece disponível. E estou do lado da casa dele.

Então ele abre o portão da garagem. Tira o carro, fecha o portão, entra no carro e dá partida. Entra na esquina seguinte à direita. Vamos atrás. A certeza de que ele sabe onde está seu filho é tão evidente que Michelly me olha já com entendimento. Seguimos José por poucos quarteirões. Uilian não foi longe. Ele estaciona e tira do banco de trás uma sacola. Nós paramos e o seguimos a pé. Ele entra em um terreno próximo à estação de trem, com muros pichados, casas deterioradas e galpões industriais abandonados. Um ponto de concentração de mendigos. Uilian não foi longe em termos geográficos. Economicamente, ele percorreu toda a descida que um rico pode descer.

José se desvencilha de moradores de rua alucinados com drogas, álcool e pobreza. A pobreza extrema deve mexer tanto com a psiquê de um homem que a alucinação pode acontecer espontaneamente. Mas será uma

alucinação grotesca, associada à fome, à sujeira. Como será a mente de um mendigo? Ao final da rua de paralelepípedos antigos, onde tudo é quebrado e sujo, José se agacha para falar com Uilian. Afaga seu filho, a experiência lhe cai horrível. Nos aproximamos, vemos que José limpa um ferimento no rosto de Uilian. Já conseguimos escutá-lo.

“E por que você continua, Uilian? Eles vão matar você!”

José então deixa a sacola com o filho. Dentro, alguns pães e caixas de achocolatados. Quando se despede e se levanta, nos vê. José pergunta se vamos entregar Uilian. Eu respondo que não, mas que na prisão ele estaria muito melhor do que aqui. José abre uma cara de espanto. Ele responde que concorda, e que já disse isso a Uilian muitas vezes, mas a prisão causa nojo em Uilian.

“Mais nojo do que isso?”, eu pergunto.

“Ele diz que a prisão é do Estado. Ele prefere ser um vagabundo livre do que ficar preso. ‘O dia que o Estado me der comida pra me manter vivo numa cela, eu já morri’. É o que ele diz. Por favor, deixa ele aqui.”

“Seu José, esse assunto pra mim acabou. Não vou fazer nada. Posso ir falar com ele?”

Ele autoriza que me aproxime, eu pergunto a Uilian se ele ainda me reconhece. Ele diz meu nome, e ri quando nota Michelly ao meu lado. O ferimento aberto na testa é feio, talvez tenham batido a cabeça dele no chão. Vai infeccionar. Eu pergunto por que bateram nele.

Uilian me responde que está ensinando os mendigos a acumular dinheiro. E que o melhor jeito de conseguir isso é dando exemplo. Pergunto como ele faz isso, e Uilian responde:

“Está vendo essas comidas que meu pai me traz? Tem uma paróquia aqui perto que distribui comida e roupa. Eu não preciso da sacola que meu pai me traz. Ninguém aqui precisa de nada, porque tudo é de graça. Então eu tiro a comida deles, levo embora, escondo, dou pros cachorros. Eles me batem. Mas quando sobra pouca comida, quem tem consegue vender. Antes de eu morar aqui, todos pediam esmola. Agora, os que vendem sobras não pedem mais. E os que compram as sobras precisam se esforçar mais. E eu regulo a escassez do mercado. Quando essa paróquia maldita parar com a distribuição grátis de comida e roupa, esse lugar vai mostrar quem é vencedor e quem infelizmente vai morrer. Winners and losers, Santiago”.

Perto dali, uma criança chora com força. Deve ser fome. A mãe olha na nossa direção com desespero. Tiro meu olhar de Uilian e caminho até a mulher. Abro minha carteira e dou a ela todo o dinheiro que tenho. Vamos saindo desse lugar. Olho para José, ele sabe que em breve vão matar seu filho.

Nem os mais desvalidos trocariam o farrapo social que lhes resta por um ancapistão.